

COLISEU

FIGUEIRENSE

FIGUEIRA DA FOZ

(COLYSEU FIGUEIRENSE)

Domingo 25 d'Agosto 1895

AS 17 HORAS (5 da tarde)



1895

COLISEU FIGUEIRENSE

8 TOUROS 8

JOSE PIRO RABEIRO

CAVALTEIROS

Manoel Teixeira

Jose Casimiro

Manoel Teixeira

Manoel Teixeira

Manoel Teixeira

Manoel Teixeira

Manoel Teixeira

Manoel Teixeira

Manoel Teixeira

Manoel Teixeira

Manoel Teixeira

Manoel Teixeira

Manoel Teixeira

Manoel Teixeira

Manoel Teixeira

Manoel Teixeira



JOSE CASIMIRO

ESPAÑA

CUARO LOPEZ

PAREITO

PREÇA de TOUROS
FIGUEIRA DA FOZ

Domingo 20 de Setembro de 1925

GRANDIOSA CORRIDA

8 TOUROS

CENTENÁRIO

1895 - 1995





NA
FIGUEIRA DA FOZ

(COLYSEU FIGUEIRENSE)

2.ª Corrida d'Inauguração

Domingo 15 de Setembro de 1895
AS 4 1/2 HORAS DA TARDE

GRANDE E APPARATOSA FESTA TAUROMACHICA

Promovida pela Direcção do COLYSEU FIGUEIRENSE
E DEDICADA AOS

Ex.^{mos} Banhistas da Praia da Figueira

Serão lidados

10 TOUROS 10

pertencentes ao acreditado lavrador das Caldas da Rainha, Ex.^{mo} Sr.

FAUSTINO DA GAMA

que tão bons touros apresentou na primeira corrida.

CAVALLEIRO

Fernando d'Oliveira

ESPADA

JULIO APARICI FABRILO

BANDARILHEIROS

Torres Branco, José Martin (Saravilla)

Diego Roda (Morenito) Miguel Amado Salas

e os da cuadrilla de FABRILO

Cayetano Hernandez (Cayetanito)

e Francisco Aparici

UM VALENTE GRUPO DE MOÇOS DE FORCADO

tendo por cabo o destemido JACARE, de Villa Franca de Xira.

DIRECTOR DA CORRIDA

Ex.^{mo} Sr. Visconde de Alverca

que accetou este logar por especial obsequio á Empresa.

Abrilantará este espectáculo uma excellente banda de musica

DISTRIBUIÇÃO DA CORRIDA

- | | |
|--|--|
| 1.ª — Farpado pelo cavalleiro. | 6.ª — Farpado pelo cavalleiro. |
| 2.ª — Bandarilhado por Taravilla e Morenito. | 7.ª — Bandarilhado por Torres Branco e Taravilla. |
| 3.ª — Bandarilhado por Cayetanito e Francisco Aparici. | 8.ª — Bandarilhado por Francisco Aparici e Cayetanito. |
| 4.ª — Farpado pelo cavalleiro. | 9.ª — Bandarilhado por Morenito e Taravilla. |
| 5.ª — Bandarilhado a sós por FABRILO. | 10.ª — Bandarilhado por Torres Branco e Salas. |

Este programma póde ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

PREVENÇÕES IMPORTANTES — As portas da praça abrem-se de 2 horas da tarde até depois de concluida a corrida para se suspenderem, por caso de força maior a empresa não é obrigada a devolver a importância dos bilhetes. Não é permitida a entrada gratuita a crianças de mais de 6 annos. Não ha meios de sahida para o exterior da praça. Estão em vigor as costumadas disposições policiaes e da arma.

Venda de bilhetes

Em casa dos srs. Antunes & Irmão, rua do Principe — Tabacaria Havaneza, Praça Nova — Costa & C.ª Largo do Carvão — Pharmacia Sotero, Bairro do Elycio Mendes da Praça Nova e nos

PREÇOS

Camarotes (6 sentas).	6000
Balcoes	4000
Logares reservados.	800
Barreiras de sombra.	700
Sombra	500
Logar sobre o curro.	300
Sol	200
Senhas para camarote, além das que competem ao bilhete.	500



verá no dia acima indicado a companhia de cavallinhos



Touros

Colyseu Figueirense
INAUGURAÇÃO

Domingo 25 e Segunda feira 26 de agosto de 1895
AS 4 1/2 HORAS DA TARDE

DUAS GRANDIOSAS CORRIDAS DE TOUROS

pertencentes aos abastados lavradores, Ex.^{mas} Srs.
Faustino da Gama
(das Caldas da Rainha)
e **Victorino Froes**
(de S. Martinho do Porto)

Serão lidados **8 TOUROS** em cada tarde
(6 puros e 2 já experimentados para cavallo)

ESPERA-SE QUE
SUAS Magestades
assistirão a estas esplendidas corridas

CAVALLEIRO
Alfredo Tinoco da Silva

BANDARILHEIROS
João Calabaça, Theodoro Gonçalves,
Jorge Cadete, Torres Branco, Carlos Gonçalves
e o distincto bandarilheiro hespanhol

Felipe Aragó (Minuto)

UM GRUPO DE MOÇOS DE FORCADO

que tem trabalhado na Praça de Algés, e do qual é cabo o valente **Jacaré** (de Villa Franca de Xira)

Abrilhamtam estas corridas os excellentes philarmónicos

10 DE AGOSTO E FIGUEIRENSE

que executarão, além de variadas peças dos seus vastos repertorios o **hymno** composto expressamente para a inauguração d'esta praça

DIRECTOR DAS CORRIDAS — Ex.^{ma} Sr. **Jayme Henriques**

DISTRIBUIÇÃO DA 1.^a CORRIDA

- 1.^o touro — Farpeado por Alfredo Tinoco da Silva.
- 2.^o " — Bandarilhado por João Calabaça e Minuto.
- 3.^o " — Bandarilhado por T. Gonçalves e Jorge Cadete.
- 4.^o " — Bandarilhado por Torres Branco e Carlos Gonçalves.

DISTRIBUIÇÃO DA 2.^a CORRIDA

- 1.^o touro — Farpeado por Alfredo Tinoco da Silva.
- 2.^o " — Bandarilhado por João Calabaça e Minuto.
- 3.^o " — Bandarilhado por T. Gonçalves e Jorge Cadete.
- 4.^o " — Bandarilhado por Carlos Gonçalves e Torres Branco.

- 5.^o touro — Farpeado por Alfredo Tinoco da Silva.
- 6.^o " — Bandarilhado por Theodoro Gonçalves e Minuto.
- 7.^o " — Bandarilhado por João Calabaça e Jorge Cadete.
- 8.^o " — Bandarilhado por Carlos Gonçalves e Torres Branco.

- 5.^o " — Farpeado por Alfredo Tinoco da Silva.
- 6.^o " — Bandarilhado por Jorge Cadete e T. Gonçalves.
- 7.^o " — Bandarilhado por Minuto e Carlos Gonçalves.
- 8.^o " — Bandarilhado por João Calabaça e Torres Branco.

Este programma pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto

PREVENÇÕES IMPORTANTES As portas da praça abrem-se ás 2 horas da tarde. — Depois de começada a corrida, se tiver de suspender-se por caso de força maior a empresa não é obrigada a devolver a importancia dos bilhetes. — Não é permitida a entrada gratuita a crianças de mais de 4 annos. — Não ha senhas de sahida para o exterior da praça. — Estão em vigor as disposições policiaes e da arena em uso n'estes espectaculos. — É prohibido saltar a arena antes de andar a corrida.

COMBOIOS a preços reduzidos de ida e volta de Coimbra e Caldas da Rainha, e na linha da Beira Alta, desde a Guarda até á Figueira da Foz.

VENDAS DE BILHETES para as corridas, em casa dos srs. Aníbal e Imário, rua do Príncipe; Tabacaria Havaneza, Praça Nova; Costa & C.^a, Largo do Carvão; Pharmacia Sotero, Bairro Novo; Elysio Mendes da Costa, Praça Nova e nos dias das corridas na bilheteira da Praça.

AVISO Previne-se o publico que se o tempo não permitir que se realice qualquer d'estas corridas, serão transferidas para os dias indicados em AVISOS IMPREVIÁVEIS que se affixarão opportunamente nos logares da visitação. N'este caso podem os srs. portadores de bilhetes ou titulos de bilhete, quando possivel, trazerem tido ingresso na praça, reclamar a importancia dos seus logares na bilheteira, das 4 horas da tarde até ás 8 da noite do mesmo dia das corridas. Em caso de transferencia são validos os bilhetes ou titulos com o numero d'estas corridas.

PREÇOS

PARA CADA CORRIDA	
Camarotes (6 senhas)	60000
Balcões	12500
Cadeiras reservadas	12500
" sobre o touro, 1. ^a fila	500
" " " " " " "	400
Barreiras de sombra	700
" " " " " " "	400
Bancada geral de sombra	500
" " " " " " "	300
Galeria de sombra	400
" " " " " " "	240
Senhas para camarote, além das que competem ao bilhete	500
PARA AS DUAS CORRIDAS	
Camarotes	100000
Cadeiras reservadas	25000
Balcões	25000

NOTA DE ABERTURA

Entendeu a Direcção do Coliseu Figueirense que devia assinalar com uma série de cerimónias a passagem do 100.º Aniversário da sua praça de touros; e para a concretização desse propósito, nomeou uma comissão da qual fazem parte um grupo de aficionados.

Como objectivo, propõe-se este grupo de trabalho, assinalar condignamente tal evento, tendo em mente uma série de manifestações de carácter taurino e cultural, que por certo ficarão no historial glorioso do tauródromo do Coliseu Figueirense !

Crentes que gerações vindouras, saberão interpretar a nossa vontade e esforço, esperamos que saibam e dêem o seu melhor, em prol da manifestação cultural mais portuguesa
– A FESTA BRAVA !

A Comissão do Centenário

NO 1.º CENTENÁRIO

O Coliseu continua vivo !

Bem ? Mal ?

De nós falarão os vindouros.

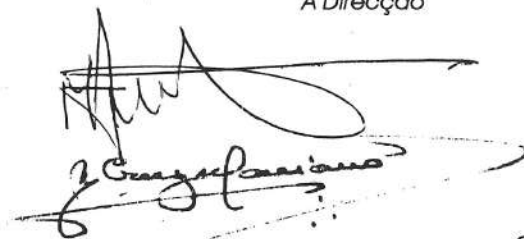
Dos idos falamos nós.

Procuramos honrar-lhes a memória e o seu exemplo de honestidade, Probidade, Dedicção e Figueirentismo.

Que no 2.º Centenário os directores ainda não nascidos possam dizer e sentir por nós o que dizemos e sentimos pelos nossos antecessores.

Desde já agradecemos àqueles que, com sacrifícios, dedicação e competência, aceitaram o encargo de executar a comemoração do 1.º Centenário.

A Direcção



Victor Manuel Sáez Sáez

José Manuel Sáez

António Alberto Sáez de Sáez

Escriptura publica de constituição provisoria da sociedade anonyma «Companhia do Colyseu Figueirense»

Saibam os que esta escriptura virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos noventa e cinco, aos vinte e cinco dias do mez de Março, n´esta cidade da Figueira da Foz e no cartorio a meu carga sito á praça Oito de Maio, perante mim tabellião Elysio da Costa Duarte e as duas testemunhas idoneas adeante nomeadas e assignadas, compareceram: como primeiro outorgante o dr. João Antunes Pereira das Neves, médico; como segundo outorgante o dr. José Jacintho da Silva Pinto, recebedor da comarca; como terceiro outorgante o dr. Annibal Augusto de Mello, advogado, casados; como quarto outorgante Manuel Antunes dos Santos, solteiro, de maior idade e negociante, na qualidade de socio e representante da firma commercial da praça d´esta cidade Antunes & Irmão; como quinto outorgante Maximiano Monteiro Grillo; como sexto outorgante Joaquim de Campos Ribeiro; como setimo outorgante João da Encarnação Pestana, casados e proprietarios; como oitavo outorgante José Cunha Ferreira, casado, capitão de marinha mercante; como nono outorgante José Augusto Juzarte dos Santos, solteiro, maior, empregado da Empreza Mineira e Industrial do Cabo Mondego; como decimo outorgante Antonio Pereira Correia; como decimo primeiro outorgante Fernando Victor Costa, solteiro, maior; este e o anterior empregados de repartição no caminho de ferro da Beira Alta; como decimo segundo outorgante Abilio Augusto Alves Amaro; como decimo terceiro outorgante Abilio José da Costa Pereira; como decimo quarto outorgante Francisco Marques d´Oliveira; como decimo quinto outorgante Guilherme Mesquita; como decimo sexto outorgante Carlos Mesquita; como decimo setimo outorgante Antonio Pires dos Santos; como decimo oitavo outorgante João Maria Fialho; como decimo nono outorgante José da Silva Fonseca; e como vigessimo outorgante Elysio Mendes da Costa, casados e negociantes; todos os outros outorgantes residentes n´esta cidade e reconhecidos pelos próprios de mim tabellião e das indicadas testemunhas que também reconhço. E logo perante mim e estas por todos e cada um d´elles outorgantes, sendo pelo quarto em nome da referida firma Antunes & Irmão, sua representada, foi dito que todos e entre si se associavam provisoriamente, formando uma sociedade anonyma de responsabilidade limitada, que se denominará – Companhia do Colyseu Figueirense, com sua séde n´esta cidade, cujo fim será construir no sitio denominado Alto do Viso (áros d´esta cidade), freguezia de Buarcos, um edificio devidamente apropriado, com suas dependencias e avenidas d´acesso, em terrenos que perfencem ao primeiro d´elles outorgantes e prestados por este, conforme o risco e planta respectiva, já confeccionados; e outro sim explorar o mesmo edificio destinando-o a exercicios tauromachicos, equestres, acrobaticos e similhantes, revertendo os lucros respectivos em beneficio da sociedade: que o capital social será de dez contos de réis, subscripto em duas mil acções nominativas, cada uma do valor nominal de cinco mil réis, pagando-se quinze por cento no acto da subscripção, e o restante por entradas, nunca superiores a esta quantia, quando chamadas, e com intervallo não inferior a trinta dias d´uma a outra; que a concessão dos terrenos acima indicada, feita pelo primeiro dos outrogantes e para o supra dito fim

social, é limitada ao espaço de trinta annos, a contar da data d' esta escriptura, findo o qual, reverterão á plena posse d' aquelle, ou seus representantes, sem direito a indemnisação alguma, a não ser a que durante o mesmo espaço de tempo, aqui lhe é concedida, e consiste em ter o mesmo primeiro outorgante direito a vinte e cinco por cento dos lucros liquidos da companhia, quando esta venha a auferil-os em quantia excedente ao dividendo de dez por cento do capital dispendido, e bem assim se lhe consigna o direito a um camarote, para seu uso, ou de sua familia, na dita praça; que no praso de trez meses contados d' esta escriptura, será convocada a assembleia geral dos subscriptores das acções, á qual presidirá o segundo dos outorgantes d' ella, afim de se resolver sobre a constituição definitiva d' esta sociedade e respectivas eleições de corpos gerentes; que entretanto ficará a cargo do primeiro outorgante, auxiliado por todos, a administração provisoria d' esta sociedade, formando-se quaesquer commissões especiaes e servindo de thesoureiro a firma representada pelo quarto outorgante; finalmente, que no caso de ser dissolvida esta sociedade antes do referido termo dos trinta annos, será a respectiva liquidação e partilha feita por meio d' arbitros e homologada pelo tribunal do commercio d' esta comarca. Assim o disseram e outorgaram, sendo testemunhas Manuel Cardoso, official de diligencias interino do juizo de direito e Antonio Dias Pestana, amanuense do cartorio do segundo officio do mesmo juizo, ambos solteiros, de maior idade e moradores n' esta cidade, que com elles outorgantes vão assignar a presente escriptura depois de ser lida em voz alta perante todos por mim Elysio da Costa Duarte, sobredito tabellião que a escrevi, séllo devidamente e assigno em publico e razo – João Antunes Pereira das Neves – José Jacintho da Silva Pinto – Annibal A. de Mello – Manuel Antunes dos Santos – Maximiano Monteiro Grillo – Joaquim de Campos Ribeiro – João da Encarnação Pestana – José Cunha Ferreira – José Augusto Juzarte dos Santos – Antonio Pereira Correia – Fernando Victor Costa – Abilio Augusto Alves Amaro – Abilio José da Costa Pereira – Francisco Marques d' Oliveira – Guilherme Mesquita – Carlos Mesquita – Antonio Pires dos Santos – João Maria Fialho – José da Silva Fonseca – Elysio Mendes da Costa – Manuel Cardoso – Antonio Dias Pestana. Em fé (logar do signal publico) de verdade. O tabellião, Elysio da Costa Duarte (Collados e legalmente inutilizados sellos forenses no valor de treze mil réis).



A COMPANHIA DO COLISEU FIGUEIRENSE

1895 - 1995

Perde-se num passado longínquo, o interesse dos povos ibéricos pela tauromaquia. Os figueirenses, como é natural, não podiam alhear-se de tão popular e tradicional espectáculo, que é a corrida de touros.

As primeiras notícias conhecidas dizem-nos que se corriam touros na Praça Velha, fechada nessas ocasiões com carros de bois, carroças, tábuas e tranqueiras, como ainda hoje se faz em pequenas localidades do país.

Deste costume, ficou na toponímia figueirense, até há poucos anos, a Rua dos Curros (hoje Rua do Figueirense).

Este interesse demonstrado pela população, não só da cidade, como da região, levou a Santa Casa da Misericórdia, em 1850, a construir uma praça de touros em terrenos de pinhal, de sua pertença, frente ao convento de S. António.

O local ficou a ser conhecido durante muitos anos, por Largo do Touril.

Esta praça de touros, em madeira, de arena pequena e sem trincheira falsa não satisfazia completamente os entusiastas da festa brava, que ali acorriam.

Assim começou a germinar a ideia da construção de uma grande e condigna praça de touros.

O grande divulgador e entusiasta desta ideia era o médico figueirense Dr. João Antunes Pereira das Neves. Este, juntamente com outro entusiasta, Dr. Aníbal Augusto de Melo reuniram no dia 23 de Março de 1895, no salão do mercado Engenheiro Silva, com numerosas personalidades convidadas, no intuito de ser discutida a hipótese da construção de outra praça de touros. A sugestão foi recebida com entusiasmo e logo se resolveu criar uma sociedade por acções, que recebeu o nome de COMPANHIA DO COLISEU FIGUEIRENSE.

O capital social seria de 10.000\$000 reis, dividido em acções de 5.000 reis.

Na mesma altura foram eleitas: uma Mesa de Assembleia Geral; uma Comissão Relatora dos Estatutos; e uma Comissão de Construção. Estas comissões entraram de imediato em actividade e no dia 25 de Março era lavrada a escritura pública provisória.

A 13 de Junho de 1895, em Assembleia Geral reunida no salão do mercado Engenheiro Silva, foram apresentados e aprovados os estatutos, realizando-se também a eleição dos corpos gerentes, que ficaram assim constituídos:

Direcção: Dr. João Antunes Pereira das Neves, Dr. José Jacinto, Manuel Antunes, João Robim Borges, Guilherme Mesquita; Conselho Fiscal: Constantino José de Sousa, Abílio da Costa Pereira, Francisco Marques de Oliveira; Assembleia Geral: Dr. Aníbal de Melo, Dr. Joaquim da Silva Cortesão, José da Silva Fonseca.

Entretanto, a Comissão de Construção não estava inactiva e já no dia 25 de Março tinha arrancado com as obras no sítio do Alto do Viso em terreno pertença do director Dr. João Pereira das Neves. Os terrenos foram cedidos por um período de trinta anos, contra o pagamento de 25 % dos lucros líquidos e o uso de um camarote.

→ A "Gazeta da Figueira" de 27 de Março noticia assim o início das obras:

"Realizou-se efectivamente na segunda feira última a inauguração dos trabalhos da nova praça de touros. Perto das duas horas da tarde reuniram-se na Praça Nova os promotores de tão grande melhoramento, e acompanhados pelos Srs. Dr. Joaquim Jardim, Presidente da Câmara; Augusto Forjaz, Administrador do Concelho; club velocipédico; associação naval; bombeiros voluntários e municipais; filarmónicas Figueirense e 10 de Agosto, e grande concurso de povo, seguiram para o local onde há-de ser construído o novo e grandioso edifício, que mais uma vez mostrará aos nossos hóspedes como a Figueira sabe elevar-se e progredir, devido aos esforços dos seus filhos.

Chegados ao Viso, tomou a palavra o sr. Dr. Aníbal de Melo, que num breve discurso, que foi muito aplaudido, acentuou qual o fim que tiveram em vista os promotores de tão grande melhoramento para a localidade, que era atenuar a crise tremenda que pesa sobre as classes pobres, dando-lhes trabalho remunerador, e exaltando os promotores de tão generosa e simpática ideia, e especialmente o sr. Dr. Neves, o principal iniciador daquele melhoramento.

Seguiu-se-lhe o sr. Dr. Joaquim Jardim, que se congratulou com os promotores daquela tão grandiosa obra, tecendo-lhes os mais rasgados elogios e exaltando os merecimentos da Figueira, que há-de ser no futuro, com os melhoramentos que se projectam, não só a primeira praia de Portugal como da Península.

Nesta ocasião o sr. Júlio Correia ofereceu ao sr. Dr. Neves um lindo bouquet, em nome do mestre de obras e operários desta cidade ... Finda a inauguração foi o sr. Dr. Neves acompanhado a casa por todos os assistentes, caindo nessa ocasião uma chuvinha impertinente e maçadora, que veio pôr uma nota discordante naquela manifestação imponente e que obrigou mais depressa a dispersar".

As obras continuaram em bom ritmo como nos noticia o "Povo da Figueira", de 4 de Abril:

"Apesar do tempo irregularíssimo que tem feito, havendo dias em que foi impossível trabalhar, tem continuado o serviço de desaterro no local destinado à construção do Coliseu Figueirense.

Em virtude da grande dificuldade que havia na vigilância do serviço de ponto de 500 pessoas, a comissão de construção reduziu esta semana o pessoal ficando o número de trabalhadores (homens, mulheres e crianças) em pouco mais de metade. Se o tempo ajudar, isto é, se acabarem de vez os negregados aguaceiros que tem caído, devem prosseguir os trabalhos com actividade, contando-se devam principiar brevemente os trabalhos de alvenaria (fundações, paredes interiores, etc.) sob direcção do considerado mestre de obras Sr. João Martins Espanhol. Da fiscalização de todo o serviço ficou encarregado o nosso patricio e amigo Sr. João Maria da Assunção Costa simpático e inteligente rapaz que à sua muita competência reúne um apurado bom gosto em tudo quanto executa e que foi encarregado da planta do Coliseu. Por estes dias é aberta subscrição pública das acções da Companhia desta nova casa de espectáculos. Consta-nos que há pedidos de acções para indivíduos desta cidade e de fora, o que era de esperar, porque tudo leva a crer, já pela escolha do local, já pelos cavalheiros que estão à testa da empresa e da comissão de obras que será um bom emprego de capital".

→ Em notícia publicada no mesmo jornal em 18 de Julho, verificamos que as obras estavam tão adiantadas que a data da inauguração fora já marcada – 25 de Agosto.

Por esta altura foi divulgado o programa da inauguração que era sensacional.

Seriam realizadas duas corridas, uma no Domingo, 25 de Agosto, e outra no dia seguinte. Nos cartazes profusamente distribuídos, vemos que os touros eram das ganadarias de Faustino da Gama, das Caldas da Rainha, e de Victorino Froes de S. Martinho do Porto. Seriam lidados 8 touros (6 puros e 2 já experimentados para cavalo).

O cavaleiro era Alfredo Tinoco da Silva, um dos mais conceituados da época. Como bandarilheiros actuavam: João Calabaça, Teodoro Gonçalves, Jorge Cadete, Torres Branco e Carlos Branco. Como grande atracção: o espada Filipe Arago "O Minuto".

Os forcados eram os "que tem trabalhado na Praça de Algés e do qual é cabo o valente Jacaré, de Vila Franca de Xira".

O director da corrida era Jaime Henriques, da Praça de Algés.

Abrilhavam as corridas as bandas 10 de Agosto e Figueirense, que executariam várias peças e o hino composto, expressamente, para inauguração. Eram anunciados também comboios especiais a preços reduzidos.

Contava-se ainda com a presença da Família Real, o que não aconteceu.

Finalmente chegou o grande dia da inauguração desta magnífica praça de touros, considerada durante muito tempo a segunda melhor praça do país.

Do que foram esses dois dias informa-nos o "Povo da Figueira", de 1 de Setembro de 1895:

"A inauguração do Coliseu Figueirense tão ansiosamente esperada, realizou-se com efeito no domingo 25 faz hoje oito dias. A construção deste magnífico edifício parece quase um sonho, uma obra de varinha mágica, tal foi a rapidez, o afã e a estreiteza de tempo em que ele se levou a cabo.

Onde em Abril se via um areal, um trecho de terreno inculto, onde uma rara erva humilde e inútil vegetava mesquinamente, ergue-se agora um edifício sumptuoso, uma casa de espectáculos vasta e esplêndida.

Milagres do génio do homem! verdadeira maravilha operada pela agregação de vontades e pelo estímulo interior que anima a maior parte dos homens a quem a Figueira com orgulho, chama seus filhos.

O Coliseu levantado num local excelente de onde se desfrutam panoramas amplíssimos, variados e soberbos, está no entender dos competentes nas melhores condições para o fim a que se destinou.

É sólido, é elegante, é vasto e cómodo, possuindo capacidade para cerca de 7.000 pessoas e sem que estas fiquem mal instaladas.

A nossa praça cuja realização se deve principalmente à iniciativa audaz do sr. Dr. Pereira das Neves, valiosamente coadjuvado por alguns seus amigos da Figueira, se não é uma verdadeira obra prima é todavia um edifício que honra incontestavelmente os artistas desta terra, e sobretudo o inteligente e habilíssimo rapaz que dirigiu todos os trabalhos, o nosso estimado patrício e amigo Sr. João Maria da Assunção Costa, que foi perfeitamente incansável durante todo o tempo de construção – que não sofria delongas. Muito também se deve à assiduidade e perseverança do nosso conterrâneo e amigo o Sr. Guilherme Mesquita que não se poupou a fadigas para levar a cabo tão importante obra. A todos esses homens que dotaram a nossa terra com mais este importante melhoramento e com a realização do qual se mitigou muita miséria enviamos um caloroso e sincero aplauso.

Em todos se sentia uma ansiedade fremente para assistir à tourada de inauguração, isto é, de domingo, e por isso não admira que na praça estivessem para cima de 6.000

espectadores. Enchendo-se ela quase totalmente com excepção de uma parte da sombra, nos camarotes e balcão enfeitados com colchas, abrejões, flores, leques, etc., via-se o que há de mais gentil e distinto não só na colónia balnear como na sociedade propriamente Figueirense e toda a praça apresentava uma prespectiva deslumbrante e magnífica.

Pouco depois das quatro e meia após a entrada do bando na arena e as cortesias do estilo começou a lide, sendo o primeiro touro farpeado pelo cavaleiro Alfredo Tinoco.

O boi que era regularmente matreiro não deu sorte ao cavaleiro colhendo-o contra a trincheira do lado sul sem fazer estrago maior. Seguidamente Tinoco meteu-lhe algumas bandarilhas sofrivelmente. O segundo boi para cavalo, isto é, o quinto era bem pior do que o primeiro e não deu lugar a que Tinoco brilhasse.

Os restantes seis bois que nos diziam ser puros saíram bons, melhores do que saíram os anteriores e se com eles não praticaram façanhas admiráveis, os bandarilheiros, não foi culpa dos pobres brutos. No entanto houve três artistas, Minuto, Calabaça e Teodoro que se distinguiram metendo bem alguns ferros.

As pegas, feitas pelo Valente (e neste o adjectivo assenta bem) do grupo dos forcados da praça de Algés comandados pelo cabo Jacaré, foram quase todas boas e felizes.

Alguns bois tiveram a fantasia de saltar a trincheira falsa o que dava lugar a episódios de susto e gargalhada e o que concorreu também para que a tourada se prolongasse um pouco mais porque afinal o toureio de oito animais, certamente que não preenche a tarde.

No dia 26 realizou-se a segunda corrida que embora com muito menos afluência de espectadores, o que se explica por ser dia de trabalho foi talvez mais animada e por vezes cortada de entusiasticos aplausos e toda ela cheia da mais viva alegria. Foi em quase tudo um contraste com o dia anterior.

Estava talvez meia casa e no sol apenas uma parte se encheu, aquela que depois de certas horas goza dos benefícios cómodos da sombra. A sombra estava regular e os camarotes e balcão vistosamente preenchidos pelas damas e graciosas crianças e cavalheiros da terra e adventícios.

Alfredo Tinoco farpeou o primeiro e quinto touros no que foi talvez mais feliz do que na primeira tarde. Os demais artistas não puderam realmente brilhar, porque o gado (com excepção de um boi) de que se esperava bastante, faltou. O último touro era genuinamente matreiro, mostrando largo conhecimento das arenas.

Com licença da respectiva autoridade, o Sr. Mário Duarte da Anadia, distinto aficionado, desceu à arena e colocou magistralmente um par de bandarilhas no 3.º ou 4.º touro se não nos enganamos.

Um amador espanhol cheio de ardor tauromáquico e não sabemos se de mais alguma coisa, faz uns passos de muleta e com tanta facilidade, que o boi nunca se resolveu a castigar-lhe a ousadia. Nem por isso deixou de colher aplausos, em todo o caso, muito inferiores aos que recebeu e com justiça o Sr. Mário Duarte. O grupo de forcados portou-se valentemente, sendo admiravelmente feita uma pega de costas.

Nas duas tardes, dirigiu habilmente as corridas, o Sr. Jaime Henriques, inteligente da Praça de Algés.

A polícia foi feita sob a direcção do Sr. Pedro Ferrão, commissário da polícia civil de Coimbra.

Na tarde de domingo assistiu ao torneio o Sr. Conselheiro Neves e Sousa e o Governador Civil do Distrito que para isso viera expressamente. Em ambos os espectáculos não houve a



menor alteração de ordem o que talvez foi pena – para haver mais um bocadinho de animação e atendendo a que as nossas tremendas altercações e rixas, nunca passam de palavreado".

Desde esse dia memorável de 25 de Agosto de 1895, a época de verão na Figueira da Foz não foi mais a mesma. As corridas de touros e outros espectáculos realizados no Coliseu Figueirense, traziam à cidade verdadeiras multidões entusiasmadas que muito animavam o comércio e davam uma vida desusada às suas ruas calmas e tranquilas.

Do que era uma tarde de touros na Figueira da Foz desses tempos nos dá conta António dos Santos e Silva no seu trabalho: Figueira da minha infância, publicado nos Cadernos Municipais de 9 de Agosto de 1982:

..."Nas tardes de tourada, porém, a rua da liberdade transfigurava-se. Lá pelas quatro e tal, começava o fluxo no sentido ascendente, rumo à Praça de Touros – o Coliseu.

Em grupos, os aficionados e os curiosos afluíam, com um alvoroço peculiar nos modos e nos trajos.

As senhoras de vestidos garridos, longas capelines floridas, muniam-se de leques que abriam e fechavam.

Os senhores, palhinhas na cabeça, flor na botoeira e charuto em riste, mui hombre.

As niñas espanholas, de peinete e matilla, passeavam também, deixando na sua garrulice salerosa uma sugestão de festa sevilhana. Nos passeios, os mirones apinham-se, comentando, invejando, registando. A certa altura – e um silêncio estremecia – começa a ouvir-se o rolar tilintante dos carros de cavalos. Primeiro, as jardineiras com as quadrilhas; capotes, vermelho e rosa, abertos para fora.

Depois os forcados, jaquetas sarapintadas e faixas justas, peito forçudo e carão moreno. Por último – e era a apoteose – apareciam as charretes com os matadores em traje de luces e os cavaleiros de tricorne.

A multidão abrindo alas, excitada, apontava e aplaudia. E os diestros, de olhar distante, deixavam-se aclamar, envoltos no mistério mítico da glória e da morte.

Fechava o cortejo a banda 10 de Agosto ou a Figueirense e a garotada ia, atrás e aos lados, a compasso, imitando os tambores e as cornetas".

Muitas e variadas peripécias relacionadas com as touradas ocorreram desde então nesta cidade. Como: o touro que certo dia fugiu da praça e depois de deambular pela cidade resolveu ir para a praia "apanhar ondas", sendo necessária a ajuda de um barco para o capturar; e a turbulenta cena de pugilato, em frente ao Casino, após uma tourada, entre dois grupos rivais, de forcados. Episódios picarescos que entraram já no domínio das lendas figueirenses.

Passada que foi a euforia da inauguração, meteu a Direcção ombros à tarefa de resolver os inúmeros problemas de gestão, que muito naturalmente iam surgindo.

Verificou-se, entretanto, que o capital realizado de dez contos de reis, era insuficiente para pagar o custo total das obras, pelo que a Direcção, em 26 de Outubro desse ano, resolveu pedir um empréstimo à Casa Mendes & Irmão, Comanditários, na importância de quatro contos de reis, ao juro de 4 % para liquidação dos compromissos assumidos.

Em 2 de Novembro, também desse ano de 1895, por escritura pública, é elevado o capital social para 16.000\$000 reis.

Até 1899, foi a praça explorada directamente pela Companhia do Coliseu, mas em 1 de Janeiro de 1899 é decidido conceder a exploração ao empresário João Cipriano Rodrigues Batalha, durante o triénio 1899-1901.

Em reunião da Direcção de 15 de Fevereiro de 1899, é decidido realizar obras de melhoramento no edifício do Coliseu, que foram as seguintes: "construção de novas cocheiras e camarins, convenientemente agasalhados e cobertos; divisão dos bares, fazendo-se um novo, na sombra; construção de uma enfermaria, com a conveniente luz e mobília".

Mais tarde, em 5 de Fevereiro de 1900, mandou a Direcção proceder à construção de novo muro de suporte do lado poente dos terrenos do Coliseu e em 20 de Julho de 1901, acedendo a uma reclamação do arrendatário da Praça, efectuaram-se reparações na arena.

Terminado o prazo de arrendamento, resolveu a Direcção, nesse ano de 1902, explorar a praça por conta própria. Em Março desse ano, mais precisamente no dia 15 desse mês, reuniu a Direcção do Coliseu Figueirense, com o proprietário do terreno onde estava edificada a praça de touros, Dr. João Antunes Pereira das Neves, para tratarem da compra do mesmo. O negócio concretizou-se e o terreno passou para a posse da Companhia.

Em 1903 começaram a realizar-se na Figueira da Foz as garraiadas dos estudantes de Coimbra, depois de um incêndio ter destruído a última Praça de touros dessa cidade. Esta tradição estudantil tem-se mantido até aos nossos dias.

No ano de 1909 o Administrador do Concelho, informado pelo comandante dos Bombeiros Municipais, do mau estado de segurança do Coliseu Figueirense intima a Direcção "a proceder sem perda de tempo às necessárias reparações, sem as quais não se poderão realizar espectáculos públicos naquele Coliseu".

Porém, só na reunião de 15 de Fevereiro de 1911, é que a Direcção resolveu que fosse substituído por cantaria, alvenaria e tijolo, a parte da bancada do Coliseu compreendida entre a porta dos cavaleiros e o curro, sendo a obra feita por administração directa. Nos anos seguintes continuaram-se a efectuar obras de renovação e reparação.

Em 30 de Novembro de 1914 é contratado o empreiteiro José Veríssimo Correia Reinaud para efectuar diversas obras no Coliseu. Por essa altura, começa a utilizar-se no edifício do Coliseu o cimento armado.

No ano seguinte, não satisfeita com o decorrer das obras, a Direcção rescinde o contrato com o empreiteiro. Começa então um demorado processo judicial com um fornecedor da obra, que se arrasta até 1919.

Em 1915 e devido aos novos assentos em cimento serem muito frios, é dada ao asilo Obra da Figueira, a exploração do aluguer de almofadas.

Até 1921, a exploração da praça de touros continuou a ser feita, directamente pelas diversas Direcções que se sucederam. Os resultados eram irregulares, e os anos maus levavam, em geral, o lucro dos bons. Grande parte das despesas eram com obras de conservação, que foram sempre uma das principais preocupações de todas as Direcções.

Nesse ano de 1921, a praça é dada, em arrendamento, ao empresário Manuel Luís Gonçalves mediante uma renda de 8.015\$00 anuais. Este arrendamento é prorrogado por mais dois anos.

No ano de 1924, terminado o prazo de arrendamento foi o arrendatário notificado a pagar a nova renda de 18.000\$00, segundo a cláusula 4.^a da escritura de arrendamento, ou



a entregar a Praça. Não concordou o arrendatário com os termos do novo contrato e entrou-se em litígio judicial que terminou em 1926 com um acordo, saindo o arrendatário.

Este litígio levou, como é de calcular, todas as reservas financeiras da Companhia, pelo que as obras nesse período foram limitadas ao mínimo.

Na Assembleia Geral realizada no dia 23 de Fevereiro de 1927, é decidido conceder aos accionistas, por cada lote de 25 acções um bilhete de sombra e por 200 ou mais acções 1 bilhete de camarote.

Este ano de 1927 ficou memorável por certos acontecimentos tauromáquicos que ocorreram no Coliseu Figueirense.

Aconteceu que a Direcção presidida na altura por Carlos da Silva Pestana, pressionada por inúmeros "aficionados" e confiada no entusiasmo tauromáquico da numerosa colónia balnear espanhol presente na Figueira, resolveu organizar duas corridas de touros, com touros de morte.

Estas corridas, em que a Direcção punha tanta esperança, revelaram-se, porém, um fracasso completo, tanto sob o ponto de vista artístico como financeiro.

A primeira corrida foi anunciada com grande cobertura propagandística para o dia 28 de Agosto, e em benefício da Santa Casa da Misericórdia da Figueira da Foz. os touros eram da ganadaria Roberto & Roberto, de Salvaterra de Magos.

Cavaleiro: João Branco Nuncio. Como bandarilheiros actuavam: Luciano Moreira, Ribeiro Tomé, Alfredo Santos, José Segarra e Alfarelo. Os forcados eram chefiados por Edmundo Varela.

Finalmente, o espada. O cartaz anunciava: "e no cartel já todos sabem que figura o grande diestro, toureiro valente e estoqueador de grande fama Francisco Peralta Faculdades".

O jornal local "O Figueirense", noticiou a corrida nestes termos: "com uma casa pouco mais de meia, realizou-se no domingo à tarde a segunda corrida (da temporada) em que foram estoqueados dois bois.

Foi boa ? Foi má ?

Em nosso fraco entender se exceptuarmos o trabalho do cavaleiro João Branco Nuncio e de Alfredo dos Santos, pouco mais há a dizer.

O trabalho do espada Faculdades que vinha precedido de grande renome, a ninguém agradou, nem aos poucos que o aplaudiram que não puderam esconder a sua frieza.

O principal atractivo da corrida era a morte de dois touros que foram, na verdade, estoqueados, o primeiro muito bem, dizem os aficionados, e o segundo muito mal, tão mal que a grande maioria da assistência não pôde esconder a sua indignação, assobiando o espada e atirando-lhe as almofadas".

Terminava o jornalista a notícia com comentários pouco favoráveis às touradas.

A segunda corrida com touros de morte realizou-se dias depois por ocasião das Festas da Senhora da Encarnação, no dia 8 de Setembro, e era também a favor da Santa Casa da Misericórdia.

Com grande publicidade era anunciada "como uma grandiosa corrida à portuguesa e espanhola com touros de morte e em pontas".

O cartaz era sedutor, actuavam a cavalo José Casimiro e José Tanganho.

Touros de J. Pinto Barreiros, do Carregado. Como bandarilheiros tínhamos: Custódio Domingos, Ribeiro Tomé, Rafael Gonçalves, Francisco Gonçalves e Joaquim Oliveira.

Os forcados eram de Vila Franca de Xira capitaneados por Manuel Burrico. Como espada actuava o célebre José Belmonte.

Reportando-nos novamente a notícias do "Figueirense" verificamos que: "o gado saiu manso e não ajudou o trabalho dos toureiros José Casimiro e José Tanganho que nada fizeram que merecesse referência especial.

Os forcados realizaram uma única boa pega, de cernelha. Para o fim deixamos o trabalho do espada, do valente Belmonte que se viu atrapalhado da sua vida.

Quando entrou no redondel o primeiro bicho que lhe coube, o rosto do infeliz Belmonte começou a transformar-se de todas as cores, tal o pavor que lhe causou a cabeça mexida do touro ladino.

E quando entrou com a muleta a trastejar o bicho, este deu-lhe um sopro mais violento no sítio onde as costas perdem o nome, e o homem vai de vendas à arena.

E fez uma carantonha muito feia, como quem estava ferido, tendo sido conduzido nos braços dos seus ajudantes para a enfermaria, deixando muita gente com a impressão de que na verdade estava ferido ... em su sítio.

Mas qual história. O médico que assistia ao espectáculo constatou que nem os calções do diestro haviam sido tocados, o que irritou a assistência, que começou a ver na atitude do toureiro uma autêntica vigarice para não trabalhar.

E começaram de chover de todos os lados assobios e gritos contra o infeliz toureiro, que declarou não voltar à praça por ter receio do boi, o que mais irritou a assistência indignada. Para ver se o homem se salvava, o director da corrida consentiu que o bicho fosse recolhido e saísse o segundo destinado a morrer. E assim se fez. A porta do chiqueiro abriu-se e saiu outra rês, de cabeça leve e com focinho de vaca.

Belmonte, entrou entre os apupos da assistência, saltou a praça e quiz lidar o bicho, mas não o conseguiu, porque bastas vezes se atrapalhou em frente do animal tendo tido muita sorte em não ter sido colhido.

E sem qualquer preparação depois de várias vezes ter deixado cair o estoque e a muleta, conseguiu espetar, mas tão atabalhoadamente, que o animal manteve-se de pé sem quaisquer indício de morte sangrando abundantemente.

O público continuava a valar Belmonte, que se revelou pouco sabedor e timorato, impedindo que ele espetasse mais estoques, como desejava, porque o bicho continuava de pé, e pelo seu pé recolheu ao chiqueiro.

Como toda a gente visse que a Empresa, e o público haviam sido vigarizados, a autoridade mandou prender o toureiro que atravessou a arena no meio da polícia.

Depois desta cena desagradável para todos, a assistência começou a debandar, tendo o resto da tourada decorrido sem interesse".

Noutra notícia publicada no mesmo jornal lemos que Belmonte, talvez tentando apagar a má impressão deixada, ofereceu um donativo de 200 pesetas ao Jardim Escola João de Deus.

Assim terminaram, ingloriamente, estas primeiras e últimas corridas com touros de morte, realizadas na Figueira da Foz.

Triste recompensa para o abnegado esforço da Direcção, que fechou o ano com um enorme prejuízo financeiro.



No ano seguinte, também por ocasião das festas a Nossa Senhora da Encarnação, foi a Figueira visitada oficialmente pelo Presidente da República General Óscar Carmona, que foi recebido apoteoticamente.

À corrida efectuada nessa altura, Domingo 9 de Setembro, e em que actuava a família de cavaleiros composta por José Casimiro, e seus filhos José Casimiro Junior, Manuel Casimiro e Fernando Casimiro (10 anos), assistiu o Chefe de Estado.

Com a Praça a abarrotar de gente, foram lidados sete touros e um garraio. Foi uma das tardes mais gloriosas do historial do Coliseu Figueirense.

Chegou entretanto a década de trinta, que a partir de seus meados foi catastrófica para o turismo da Figueira da Foz.

Durante a temporada de 1930, o cavaleiro António Luís Lopes, faltou a uma corrida, sem explicação, pelo que lhe é posta uma acção por perdas e danos em que foi condenado a pagar cinco contos de indemnização à Companhia.

Em meados desse decénio, deflagrou a Guerra Civil em Espanha, que privou a Figueira, da numerosa colónia balnear proveniente do país vizinho. Uma autêntica catástrofe para o comércio local, chegando mesmo o Casino a fechar as suas portas.

As poucas corridas efectuadas no Coliseu Figueirense foram organizadas pelo grupo de accionistas "Os Amigos do Coliseu" pois a Direcção não se atrevia, com receio de prejuízos, a efectuá-las.

Só passados muitos anos e lentamente o turismo local se recompôs.

Em 1941 é arrendada a praça ao empresário José Rodrigues Trindade por 3 anos que são consecutivamente prorrogados até 1952, ano em que termina o contrato.

Durante os anos de 1952 e 1953 a praça é explorada pela Companhia sendo as corridas de Agosto e Setembro organizadas pelas "Organizações Tauromáquicas de Leiria".

No ano seguinte a exploração da praça é concedida a José Vidal Guerra, e em 1955 as "Organizações Tauromáquicas de Algés" realizam espectáculos em regime de percentagem. Nesse ano exibem-se no Coliseu Figueirense, obtendo grande sucesso, os basquetebolistas do "Harlem Globetrotters".

A exploração do ano de 1956 é da responsabilidade da Companhia e a dos dois anos seguintes é concedida ao empresário Alvaro Guerra, de Lisboa. A década de cinquenta foi uma das épocas de ouro da tauromaquia nacional.

Em 1956 a Direcção em exercício, manda colocar no interior do Coliseu uma placa homenageando os seus antigos directores, falecidos, Alberto Costa Vaz, António Silva Junior e Carlos da Silva Pestana.

Em Assembleia Geral de 9 de Março de 1958, "é autorizada a Câmara Municipal da Figueira da Foz a utilizar para parque público de estacionamento ou logradouro público, uma faixa de terreno em frente do portão nascente, na condição de não ser destinada a referida faixa a destinos diferentes dos mencionados".

No ano de 1960 explora a praça o empresário Venâncio Monteiro Rosa de Lisboa e em 1961 é explorada por José de Oliveira Piedade, também em Lisboa. Em 1962, Venâncio Monteiro Rosa que nesse ano explorava a praça, cede a exploração à Empresa Pina & Silva (Campo Pequeno) de que era sócio gerente o saudoso Manuel dos Santos. Realizam-se também, nesse ano, espectáculos vários como o festival de Miss Portugal, e a exibição do Circo México.

Foi durante o ano de 1964 que a Direcção contraiu na Caixa Geral de Depósitos, para a realização de obras, um empréstimo de 200.000\$00. Estas obras foram das mais importantes realizadas no Coliseu pois acabaram com as estruturas em madeira passando a praça a ser toda em cimento armado, o que veio reduzir substancialmente as despesas anuais com a conservação.

É de assinalar, no ano de 1968, a inauguração da capela da praça.

Em 1986 com a comparticipação meritória da Câmara Municipal da Figueira da Foz é renovada a instalação eléctrica da praça, o que permite, a partir daí, a realização de espectáculos nocturnos.

O capital social da Companhia, que se mantinha desde a fundação, em 16 contos de reis, é aumentado para 9.600.000\$00, conforme escritura pública celebrada em 28 de Dezembro de 1987.

No ano seguinte, novamente com a comparticipação da Câmara Municipal é instalado um gerador diesel de 50 Kwa, automático, de reserva à rede geral, ficando assim completa a instalação eléctrica da praça.

Em 1992 é colocada no interior do edifício do Coliseu Figueirense uma lápide homenageando a memória dos últimos directores falecidos: António Mendes do Amaral, Jaime da Silva Viana, Luis Viegas P. do Nascimento.

Aproximamo-nos, entretanto, do centenário da inauguração desta magnífica praça de touros. Olhando para o passado, para estes cem anos cheios de actividade, recordamos, comovidos, os abnegados e entusiastas fundadores e todos aqueles homens que generosa e sucessivamente tomaram a seu cargo a tarefa de gerir os destinos da Companhia do Coliseu Figueirense.

Hoje, esta obra que tão bem tem servido a festa brava e a Figueira da Foz, aqui está, bela, sólida, bem conservada, neste local altaneiro desafiando o tempo e sempre pronta a receber os numerosos espectadores que a ela afluem.

É realmente uma bela praça: com capacidade para 6.000 espectadores o seu sistema de iluminação permite realizar espectáculos nocturnos de todos os géneros; Os curros, que podem albergar 18 touros são modelares. Encontra-se classificada em 7.º lugar entre 63 praças existentes no país.

Enfim, um esplêndido edifício que tão bom serviço presta ao turismo e promoção da Figueira da Foz.

Finalizamos estas linhas com palavras de apoio e incitamento à jovem e dinâmica Administração que vai, cheia de entusiasmo e fé, entrar no segundo século de existência da COMPANHIA DO COLISEU FIGUEIRENSE.

Francisco José Augusto Guimarães

COMPANHIA DO COLYSEU FIGUEIRENSE

SOCIEDADE ANONYMA, RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL 16:000\$000 RÉIS

em 3:200 acções do valor de 5\$000 réis cada uma

2.ª EMISSÃO

auctorisada por escriptura publica de 2 de novembro de 1895

N.º _____ Reis..... \$ _____

Dividendos
pagos

Título de _____ acc. do valor de
cinco mil réis, pertencente a _____

Dividendos
pagos

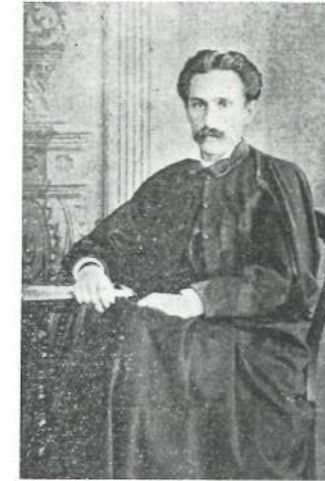
com que se acha interessado no capital d'esta Companhia,
na conformidade do art. 7.º dos Estatutos, approvados em
Assembleia Geral de 13 de Junho de 1895.

Esta Companhia foi constituida por escriptura pu-
blica de 25 de Março de 1895, lavrada nas notas do Ta-
bellião Elisio da Costa Duarte, d'esta cidade e regis-
trada definitivamente na secretaria do Tribunal do Com-
mercio d'esta comarca.

Figueira da Foz, _____ de _____ de 18____.

OS DIRECTORES

Dr. JOÃO ANTUNES PEREIRA DAS NEVES



1844 – 1911

Dentre os homens de acção que, na sua época, se esforçaram pelo progredimento rápido da Figueira, o dr. Pereira das Neves ocupa um lugar proeminente.

Formado em medicina pela universidade de Coimbra, em 27 de Julho de 1873, veio pouco depois exercer a clínica nesta cidade, onde se fixou, tendo casado com uma distinta senhora de Lavos, a sr.^a D. Maria Vitória de Barros Neves, filha do dr. Joaquim Duarte da Cunha.

Dêsse matrimónio existe a ex.ma espôsa do nosso considerado patrício e amigo sr. Carlos Pestana, que por várias vezes tem desempenhado com reconhecida competência o cargo de Administrador do Concelho, e é pai do engenheiro agrónomo sr. João Carlos das Neves Pestana.

O dr. Pereira das Neves enfileirou desde novo no antigo partido regenerador, onde militou com denodo, tendo chegado a adquirir uma tipografia em 1880, para nela ser composto o órgão local do seu partido, a *Correspondência da Figueira*. Na direcção deste jornal esteve ao lado do dr. Neves o ilustre figueirense também nosso amigo sr. João Gaspar de Lemos Amorim, que ainda pertence ao número dos vivos, tendo a tipografia a sua instalação no 3.º andar do grande prédio de Nestório Dias, à Praça Nova.

Homem de grande iniciativa, o dr. Neves tem o seu nome ligado a alguns dos mais notáveis melhoramentos da nossa terra, como sejam, entre outros, o Mercado Engenheiro Silva e o abastecimento das águas à cidade.

Foi um clínico muito conceituado ao mesmo tempo que exerceu alguns cargos públicos de grande responsabilidade, como o de Administrador do Concelho e o de Presidente da Câmara Municipal, em 1886, data em que assinou o EDITAL que noutro lugar reproduzimos, comemorando, assim um facto importante da vida da Figueira por motivo do CINQUENTENÁRIO !

João Coelho

Biografia do Dr. João Antunes Pereira das Neves, sócio fundador e primeiro presidente da Direcção da Companhia do Coliseu Figueirense, publicada no número de Abril de 1936 do "Album Figueirense"

Maestro ANTÓNIO RODRIGUES PAULA SANTOS



*Nasceu em Tôres Novas em 22 de Julho de 1854
Faleceu na Figueira em 9 de Janeiro de 1919*

Valsas:

Surprêsa; Noite bela; Segrêdos do coração; Desprezada; Sensitiva; Olé ! Olé!; Virtuosa; Meia Noite; a Sensível

*«Pas de quatre»: – Novíssimo «pas de quatre» da Figueira da Foz (Arquivo da Tuna Brenhense)
2 Quadrilhas de contradança
1 Quadrilha de lanceiros
Um passeio à Batalha – passo ordinário*

Música para orquestra:

«Ouverture»;

Sinfonia.

Valsas: – Tarde amena, Cativante; A ti; Afectuosa; Risos da manhã; Noite de Natal; Um momento; Canção do fim do ano.

Mazurcas: – A brisa do Mondego, Stela, Um recurso.

Polcas: – «Faire un tour».

Música para fanfarra:

Flor do Mato – Marcha

Valsas: – *Recuerdo*, *Espanholita*, *Bule-Bule*, *Viva o Mato*.

Tango;

Mazurca.

Música de teatro:

Revistas: *O que anda no ar ? ...* Revista crítica e humorística da Figueira da Foz, original do actor Ernesto Vieira e ornada de 39 números de música tãda original do maestro Paula Santos (1903).

O Barão de Antanholes – de colaboração com Manuel Dias Soares, que escreveu apenas uns números.

Comédias: *Por causa dum clarinete*,

Dois estroinas,

Valentes e Medrosos.

Do que fica mencionado e que é apenas uma parte muito pequena de tãdas as suas produções musicais, se pode verificar a prodigiosa fecundidade do musicógrafo distinto que foi o maestro Paula Santos.

Tantum ergum e Missa – segundo o *Motu-Próprio* de S. S. o Papa Pio X (26 de Maio de 1905)

Com excepção de uma das *Avés-Marias* e do *Tantum ergum e Missa* – que são a uma voz e pequena orquestra –, tãdas as restantes são as três vozes e grande instrumental.

Música para banda:

Rapsódia sobre motivos populares portugueses.

Cantos da Beira (Arquivo da Filarmónica Figueirense).

Amar sem conhecer (Sinfonia) id.

Força do Destino (Sinfonia) id.

Fantasia ligeira (Arquivo da Tuna Brenhense)

Flor de Abril, valsa de concêrto – id.

Marcha de guerra (1 de Fevereiro de 1897)

Miscelânea (Junho de 1897)

Marcha grave: Vivificante

Marcha das Surdinas



Marchas fúnebres:

À memória de Augusto Pedro Symaria (27 de Abril de 1893)

Desalento (Março de 1898)

Último adeus (Setembro de 1904)

Angústia;

Dolorosa;

Dolente;

Consternação;

Desolação;

Passo ordinário: – *Metróonomo*

Hinos:

Inaugural do Coliseu Figueirense;

do grupo Sportivo da Beira;

do Colégio Liceu Figueirense – para piano e canto

Inaugural do teatro da Sociedade Filarmónica Figueirense

da Tuna 1.º de Agosto

Música para piano:

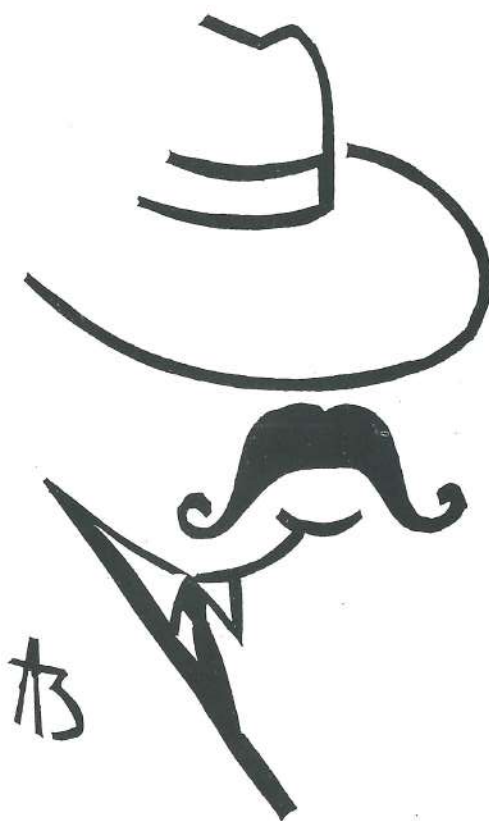
Pequena melodia

Marcha em homenagem ao ciclismo

Marcha grave.

CARICATURAS FIGUEIRENSES

II



(Desenho e gravura de António da Silva Bolega)

Carlos da Silva Pestana

Considerado figueirense que por várias vezes tem desempenhado o espinhoso cargo de Administrador do Concelho local

Caricatura de Carlos da Silva Pestana, que foi várias vezes Director da Companhia do Coliseu Figueirense entre os anos 1898 - 1953, publicada no número de Maio de 1936 do "Album Figueirense".

COMPANHIA DO COLISEU FIGUEIRENSE



Sociedade Anónima

Contribuinte N.º 500 068 657

CAPITAL SOCIAL 9 600 000\$00

em 9.600 acções de 1.000\$00 cada uma.

Registada na Conservatória do Registo Comercial da Figueira da Foz sob o n.º 16 Fls.18 - Livro C-1

N.º

Título de 1(uma) acção no valor de 1000\$00

pertencente ao Ex.mo Senhor

.....

.....

Esta sociedade foi constituída por escritura pública de 25 de Março de 1895, lavrada nas notas do Tabelião Elísio da Costa Duarte, desta cidade, e registada definitivamente na Secretaria do Tribunal do Comércio desta Comarca e alterada por escritura de 2 de Novembro do mesmo ano nas notas do citado Tabelião, conforme "Diários do Governo" n.º 78, de 8 de Abril e n.º 254, de 9 de Novembro do já citado ano de 1895, respectivamente. Ambas as escrituras foram modificadas por escritura de 28 de Dezembro de 1987, exarada a fls. 84 v.º e seguintes, do livro de notas para escrituras diversas n.º 156-C do 1.º Cartório da Secretaria Notarial da Figueira da Foz, a cargo da notária licenciada Maria Fernanda Vergueiro Domingues e publicada no "Diário da República", III Série, n.º 31, de 6 de Fevereiro de 1988.

Figueira da Foz, 26 de Fevereiro de 1988

Os Administradores,

.....

.....

ADMINISTRADORES DA COMPANHIA DO COLISEU FIGUEIRENSE

1895 - 1995

1895 - 1897

José Jacinto da Silva Pinto
João Antunes Pereira das Neves
Manuel Antunes dos Santos
João Maria Robim da Luz Borges
Guilherme Mesquita

1898- 1899

José Jacinto da Silva Pinto
João Antunes Pereira das Neves
Guilherme Mesquita
Francisco Marques de Oliveira
Carlos da Silva Pestana

1900 - 1901

José Jacinto da Silva Pinto
Guilherme Mesquita
Francisco Marques de Oliveira
Carlos da Silva Pestana
José Luis Ferreira Freire

1902 - 1903

José Cunha Ferreira
Carlos da Silva Pestana
José Carlos da Silva Pinto

1904 - 1907

João Antunes Pereira das Neves
José da Cunha Ferreira
José Carlos da Silva Pinto

1908

Carlos da Silva Pestana
Guilherme Mesquita
Fernando da Silva Pinto

1909

Frederico Nogueira de Carvalho
António Gonçalves
Manuel Antunes dos Santos

1910 - 1913

António Gonçalves
Fernando Victor Costa
Manuel Antunes dos Santos

1935 - 1942

Joaquim Custódio Feteira
Alberto Carlos Vaz
António Silva Junior

1914 - 1917

António Gonçalves
Fernando Victor Costa
José Carlos da Silva Pinto

1943

Joaquim Custódio Feteira
António Rodrigues de Oliveira Paz
António Silva Junior

1918 - 1919

Nestório Dias
Fernando Victor Costa
José Carlos da Silva Pinto

1944 - 1945

Joaquim Custódio Feteira
António Alberto da Cunha Rei
António Silva Junior

1920 - 1924

Alfredo Ferreira Pinto Bastos
Carlos da Silva Pestana
Joaquim Aguas Ferreira dos Santos

1946

Carlos da Silva Pestana
Manuel Rodrigues Mendes
António Silva Junior

1925 - 1930

Carlos da Silva Pestana
Joaquim Aguas Ferreira dos Santos
António Sotero de Oliveira

1947

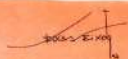
Carlos da Silva Pestana
António José Guimarães
Manuel Rodrigues Mendes

1931 - 1934

Carlos da Silva Pestana
Benjamim Mendes
Joaquim Aguas Ferreira dos Santos

1948

Carlos da Silva Pestana
Manuel Rodrigues Mendes
Alberto Bastos da Costa e Silva



1910 - 1913

António Gonçalves
Fernando Victor Costa
Manuel Antunes dos Santos

1914 - 1917

António Gonçalves
Fernando Victor Costa
José Carlos da Silva Pinto

1918 - 1919

Nestório Dias
Fernando Victor Costa
José Carlos da Silva Pinto

1920 - 1924

Alfredo Ferreira Pinto Bastos
Carlos da Silva Pestana
Joaquim Aguas Ferreira dos Santos

1925 - 1930

Carlos da Silva Pestana
Joaquim Aguas Ferreira dos Santos
António Sotero de Oliveira

1931 - 1934

Carlos da Silva Pestana
Benjamim Mendes
Joaquim Aguas Ferreira dos Santos

1935 - 1942

Joaquim Custódio Feteira
Alberto Carlos Vaz
António Silva Junior

1943

Joaquim Custódio Feteira
António Rodrigues de Oliveira Paz
António Silva Junior

1944 - 1945

Joaquim Custódio Feteira
António Alberto da Cunha Rei
António Silva Junior

1946

Carlos da Silva Pestana
Manuel Rodrigues Mendes
António Silva Junior

1947

Carlos da Silva Pestana
António José Guimarães
Manuel Rodrigues Mendes

1948

Carlos da Silva Pestana
Manuel Rodrigues Mendes
Alberto Bastos da Costa e Silva

1949 - 1953

Carlos da Silva Pestana
Alberto Bastos da Costa e Silva
João Vasco Aguas

1954 - 1957

António Mendes do Amaral
João Vasco Aguas
Marcelino Duarte Pinto

1958 - 1971

António Mendes do Amaral
Severo da Costa Biscaia
Vitor Manuel Figueiredo Pais

1972 - 1973

António Mendes do Amaral
Severo da Costa Biscaia
Jaime da Silva Viana
Luis Viegas do Nascimento
Vitor Manuel Figueiredo Pais

1974 - 1980

Luis Viegas do Nascimento
António Mendes do Amaral
Jaime da Silva Viana
Severo da Silva Biscaia
Vitor Manuel Figueiredo Pais

1981 - 1985

António Mendes do Amaral
Jaime da Silva Viana
Nuno José G. Viegas do Nascimento
Severo da Silva Biscaia
Vitor Manuel Figueiredo Pais

1986 - 1987

António Mendes do Amaral
António Miguel G. Mendes do Amaral
Jaime da Silva Viana
Nuno José G. Viegas do Nascimento
Vitor Manuel Figueiredo Pais

1988 - 1989

António Mendes do Amaral
António Miguel G. Mendes do Amaral
Jaime da Silva Viana
Luis Carlos G. Viegas do Nascimento
Vitor Manuel Figueiredo Pais

1990 - 1991

António Mendes do Amaral
António Miguel G. Mendes do Amaral
Jaime da Silva Viana
Luis Carlos G. Viegas do Nascimento
Abel Francisco Machado

1992

Francisco José Marçal Nunes Perié
António Miguel G. Mendes do Amaral
Luis Carlos G. Viegas do Nascimento
Manuel Cruz Mariano
Abel Francisco Machado

1993 - 1994

António Miguel G. Mendes do Amaral
Manuel da Cruz Mariano
José Manuel Guimarães Latino
Vitor Filipe Falcão Pais
António Alberto Nunes da Silva



José Casimiro



PRAÇA DE TOUROS

NA
**FIGUEIRA
DA FOZ**

(COLYSEU FIGUEIRENSE)

3.ª Corrida — 32.ª Época



José Tanganho

Quinta-feira, 8 de Setembro de 1927

Às 17 horas (5 horas da tarde)

Por ocasião dos grandes festejos á SENHORA DA ENCARNAÇÃO em Buarcos

BRILHANTE E APARATOSA CORRIDA

DE
TOUROS DE MORTE

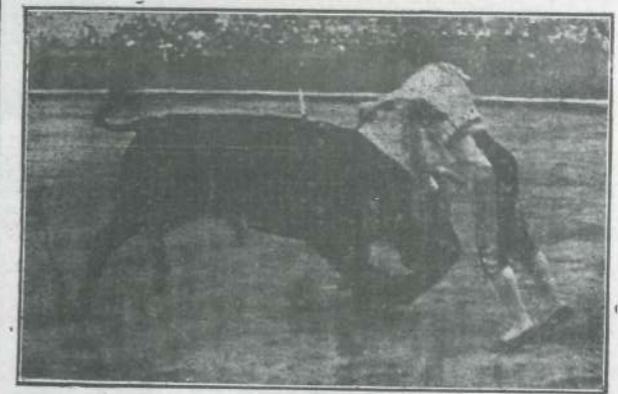
promovida pela Direcção do Colyseu Figueirense, em beneficio da Misericórdia

LIDAR-SE-HÃO

8

Bravos Touros

8



pertencentes ao
abastado ganadero
Ex.^{mo} Sr.

J. Pinto Barreiros

do Carregado

Dois touros serão estoqueados ao uso de Hespanha pelo afamado matador de touros, o ESPADA

José Belmonte

que se fará acompanhar pelos seus mais apreciados bandarilheiros

CAVALEIROS

José Casimiro || José Tanganho

DISTINCTO E QUERIDO ARTISTA

Vencedor da Grande Prova Hípica Portuguesa, e que pela primeira vez toureia n'esta praça

BANDARILHEIROS

Ribeiro Thomé, Custodio Domingos, Rafael Gonçalves, Francisco Gonçalves e Joaquim de Oliveira
que tanto agradaram na corrida de 14 de Agosto, e que a pedido de varios aficionados foram contractados para esta festa

UM VALENTE GRUPO DE MOCOS DE FORCADO
de Vila Franca, chefiado por Manuel Burrico

UM LINDO TIRO DE MULAS DE ARRASTE

abrilhanta a Corrida uma excoiente Banda de Musica

Dirige a corrida, por especial deferencia, o ilustre aficionado da velha guarda e mestre do toureio a cavallo
Ex.^{mo} Sr. Victorino Froes

PREÇOS—Camarotes (5 entradas), 480\$00;
Cadeiras reservadas, 40\$00; Barreiras de
sombra, 40\$00; Contra-barreiras de sombra,
35\$00; Sombra geral, 30\$00; Sol, 12\$50;
Galerias, 12\$50.

VENDA DE BILHETES — José Pinto Duarte, Largo do Carvão
e Manuel João Ponte, Mercado Figueirense N.º 11. Bilhetes numerados e
Café-Casino Hescanhol (bairro Novo), e no dia da corrida nas bilheteiras
da Praça — 2.ª, 3.ª — Os lugares marcados serão vendidos, quando não este-
jam pagos na véspera da corrida até ás 11 horas de n.ite.
AVIS — Pedese a cada um d'seas, espectadores que á entrada facilite
a revisão do seu bilhete, para regularidade de fize. elizacão não há, embas de
saída para o exterior da Praça.

Grandes Festivaes, regatas, fogo preso, serenatas, descantes, festival no Casino Peninsular, Semana da Figueira, etc.

Indicações uteis:—
As corridas da Praça abrem-
se ás 15 horas (3 ou tarde).
Se depois de começada a
corrida, tiver de suspender-
se por caso de força maior,
a Comanhia não é obrigada
a devolver a importância
dos bilhetes. Inutilizando-se
alguns dos touros no tra-
jecto para a Praça ou du-
rante a permanencia nesta,



AVISO

As Companhias de
Caminhos de Ferro
do Norte, Leste,
Nacional e Beira
Alta, organisaram
serviços especiais

Aos Touros á Figueira da Foz!

Aos Touros á Figueira da Foz!

COMISSÃO EXECUTIVA

Presidente: António Alberto Nunes da Silva

Vogais: José Manuel Guimarães Latino

" Mário Rui Veloso dos Santos

" José Henrique Mendes Rodrigues de Carvalho

" João Fernando Sequeira Batalha (Eng.º)

Sec. Geral: Rui Manuel de Oliveira Marques

COMISSÃO DE HONRA

Sua Excelência o Senhor Presidente da República
Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado da Cultura
Comandante Geral da Polícia de Segurança Pública
Comandante Geral da Guarda Nacional Republicana
Director da Direcção Geral de Espectáculos
Governador Civil de Coimbra
Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz
Presidente da Região de Turismo do Centro
Comandante da Escola Prática de Serviços e Transportes
Comandante do Porto da Figueira da Foz
Vereador do Pelouro de Cultura e Turismo da Figueira da Foz
Comandante da P. S. P. da Figueira da Foz
Presidente da Junta de Freguesia de S. Julião da Figueira da Foz
Presidente do Conselho de Administração da Sociedade Figueira-Praia
Presidente da Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide
Eduardo de Pádua Fortunato de Almeida
Eng.º Germano Alves
Eng.º António Manuel Pais de Sousa Pascoal
Francisco José Salgado Guimarães
Presidente da Assembleia Figueirense
Presidente da Associação Naval 1.º de Maio
Presidente do Ginásio Clube Figueirense
Presidente do Sporting Clube Figueirense
Amadeu dos Anjos
António Telles
Armando Soares
Diamantino Vizeu
David Ribeiro Telles
Dr. Domingos da Costa Xavier
Dr. Fernando Salgueiro
João Salgueiro
Manuel Conde
Dr. Manuel Jorge dos Santos
Mário Coelho
Nuno Salvação Barreto
Paulo Caetano
Ricardo Chibanga
Virgílio Palma Fialho
Comandante da G. N. R. da Figueira da Foz
Comandante dos Bombeiros Municipais da Figueira da Foz
Comandante dos Bombeiros Voluntários da Figueira da Foz
Presidente da Assembleia Geral da Companhia do Coliseu Figueirense
Direcção da Companhia do Coliseu Figueirense

COLISEU FIGUEIRENSE



Manuel Alfredo Aguiar de Carvalho

Realizou-se efectivamente, no dia 25, a inauguração da nova Praça de Touros, construída por iniciativa de um punhado de homens da Figueira cheios de boa vontade e excepcional actividade, que em pouco mais de três meses, conseguiram levar a cabo a realização de uma ideia que há tempo germinava no cérebro de muitos, mas que parecia dever ficar um mero projecto, como tantas outras ideias de incontestável qualidade para a Figueira.

Um bravo, pois, a esses homens empreendedores a quem a Figueira deve mais um importante melhoramento.

É com estas simples palavras, de profundo significado nos dias de hoje, que o Jornal "Gazeta da Figueira", datado de 28 de Agosto de 1895, evidencia a inauguração do Coliseu Figueirense.

Do mesmo modo, o "Povo da Figueira" escreve, na sua edição de 1 de Setembro de 1895, que a construção deste magnífico edifício pareceu quase um sonho, uma obra de varinha mágica, tal foi a rapidez, o afan e a estreiteza de tempo com que foi levado a cabo.

Pensemos nestas palavras, e ao fazê-lo surge como evidência algo de fundamental – o indivíduo, a sociedade e o entendimento das necessidades de uma época.

De facto, o Coliseu Figueirense, como outros equipamentos e empreendimentos que hoje pontificam na Figueira da Foz, é fruto do empenhamento de alguns homens que souberam interpretar a evolução da terra que elegeram.

E deixaram obra feita.

Um século depois, o nosso concelho continua a dispôr de um importante local para manifestações colectivas, e já não só de índole tauromáquica, com reflexos positivos na qualidade da oferta do produto turístico.

Reconhecer a importância de uma obra, encontrar mecanismos e processos de dinamização de vontades individuais e colectivas e materializar ideias – eis o que se me afigura à consciência quando observo o belo edifício do Coliseu –.

Resta-me saudar a Comissão Executiva do Centenário do Coliseu Figueirense, convicto de que irá realizar um significativo trabalho, no âmbito das comemorações e cujo programa revela uma preocupação extrema em transmitir dignidade a tal efeméride.

O Presidente da Câmara Municipal
Manuel Alfredo Aguiar de Carvalho

(Eng.º)

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Manuel Alfredo Aguiar de Carvalho'. The signature is fluid and cursive.



PRACA DE TOUROS

DOMINGO 13 DE AGOSTO DE 1899
 AS 4 1/2 HORAS DA TARDE
 CORRIDA EXTRAORDINARIA
 DE
10 - TOUROS - 10
 com 1 FERRAS, matados, de 4 matas completas,
 pertencentes a officinas, ganadaria de Sr. J. S.

FAUSTINO DA GAMA

ESPA DA
 O MATADOR
RICARDO TORRES
BOMBITA-CHICO

CAVALLEIROS
FERNANDO D'OLIVEIRA E JOAQUIM ALVES
BANDARILHEIROS
 Theodoro Gonçalves, Jorge Galvão, Torres, Pereira, Manuel dos Santos
 e da 2.ª fila: Manuel dos Santos, Manuel dos Santos
 Manuel Mendes (Mazzanini), e Enrique Alves (Mazzanini)

UM VALENTE GRUPO DE ESCOCCOS DO RINCO E COLLEGA
 O GRUPO DE ESCOCCOS DO RINCO E COLLEGA
 O GRUPO DE ESCOCCOS DO RINCO E COLLEGA
 O GRUPO DE ESCOCCOS DO RINCO E COLLEGA

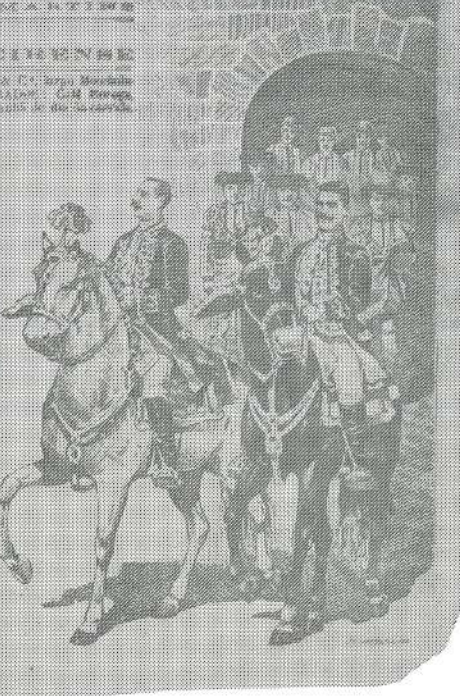
J. CARLOS MARTINS

PHILARMONICA FIGUEIRENSE

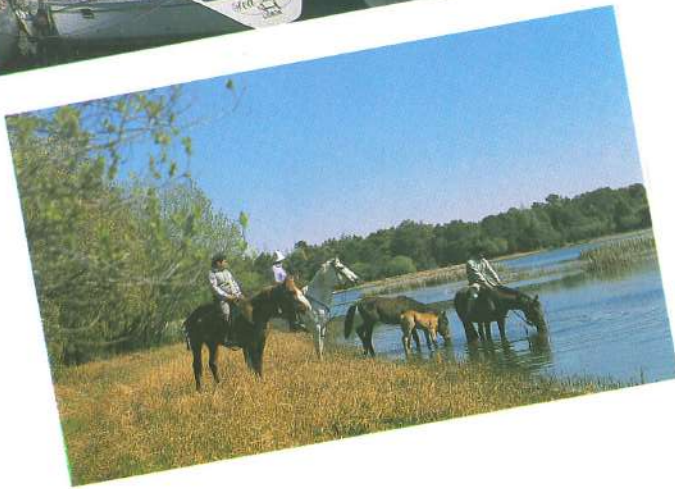
Programa das entradas

Entrada	Preço
Primeira	1.000
Segunda	750
Tercera	500
Quarta	250
Quinta	100
Sexta	50
Sétima	25
Oitava	10
Nonata	5
Dezima	2
Entrada para a primeira fila	1.500

Comissão de organização da corrida de touros...
 O grupo de escoccos do Rinco e Collega...
 Philarmónica Figueirense...



FIGUEIRA DA FOZ



Câmara Municipal da Figueira da Foz – Tels.: 033 - 20 108/9 – Telex: 53 224 – Fax: 033 -23 196
Serviços de Turismo – Tels.: 033 - 22 935 - 22 126 – Telex: 53 969 – Fax: 033 - 28 549
Postos de Informação: Buarcos – Tel.: 033 - 33019 – Av. 25 de Abril Tel. - 033 - 22 610

PRAÇA DE TOUROS

FIGUEIRA DA FOZ

DOMINGO 27 DE AGOSTO DE 1899

10 - TOUROS - 10

ESTEVAO D'OLIVEIRA

ESPADA

ANTONIO TOLENO

LAGARTIJILLO

FERNANDO D'OLIVEIRA E JOAQUIM ALVES

O COLISEU e a Região de Turismo do Centro



Aproximando-se a data do início das Comemorações do Primeiro Centenário do Coliseu Figueirense, não poderia a Região de Turismo do Centro alhear-se de tão importante acontecimento.

Na verdade impõe-se um justíssimo reconhecimento não só pelo enorme contributo que o Coliseu Figueirense tem dado à festa de touros em Portugal, e lembrem-se os grande momentos de glória vividos pelos maiores nomes da tauromaquia nacional e estrangeira de sucessivas gerações, mas também pelo papel decisivo que tem desempenhado na atracção e fixação de milhares de visitantes que, animando a Figueira da Foz, decerto a promoveram como a Rainha das Praias de Portugal.

De mãos dadas com a Cidade e a Região, tem o Coliseu Figueirense percebido a importância capital para o sector do Turismo, que é o da existência de uma tão importante infra-estrutura de animação. A sua utilização em diversas manifestações culturais, desportivas e outras, são disso um bom exemplo.

Justo se torna, igualmente, realçar a grande dignidade e qualidade do programa de Comemoração do Centenário, a justificar uma especial atenção da Região de Turismo, com a certeza de que, cada vez mais, teremos uma Figueira da Foz mais viva e mais animada.

Parabéns Coliseu Figueirense.

*Região de Turismo do Centro
O Presidente
José Manuel Alves
(Dr.)*

PRAÇA DE TOUROS
DA

Figueira da Foz

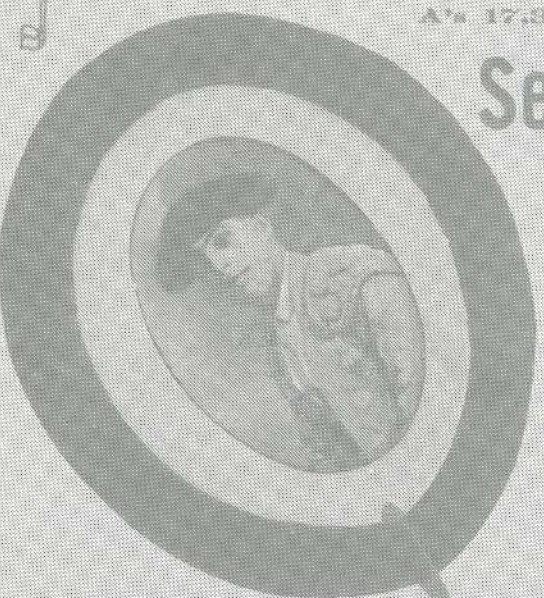
DOMINGO, 12 DE AGOSTO DE 1928
Às 17.30 (5 e meia da tarde)

Sensacional
Corrida

DEDICADA A

Colonia

Hespanhola



GRANDE CORRIDA
DE
Inauguração

ORGANIZADA
pelo bandarilheiro

Agostinho Coelho

Comerse-hão

8 Bravissimos Touros 8

da acreditada ganaderia do Ex.^o Sr.

João d'Assumpção Coimbra

Toma parte nesta corrida o mais primoroso CAVALHEIRO e classico artista

João Branco Nuncio

BANDARILHEIROS

Luciano Moreira, Alfredo dos Santos, Custodio Domingos, Agostinho Coelho,
Carlos dos Santos e Salvador Balfagon (Alfarero)

UM DESTEMIDO GRUPO DE MOÇOS DE FORCADO

Tendo por cabe o valente pegador José Luiz (de Alcochela)

DIRECTOR DA CORRIDA — O popular bandarilheiro MANOEL DOS SANTOS

PREÇOS — Sombra 10\$00, SOL 5\$00 e 4\$00

O CAVALO DE TOIROS



Domingos da Costa Xavier

Presidente da Assembleia Geral da Tertúlia Tauromaquica Setubalense

Nesta ocasião bonita que a celebração do centenário do "Coliseu Figueirense" constitui, permitam-me que saia ao quite e me debruce um pouco sobre o cavalo de toiros.

É obviamente o cavalo lusitano, adestrado por milhares de anos de monte de gineta o cavalo de eleição para a prática do toureio, mas que baste o olhar atentamente as montadas que desfilam numa corrida de toiros, para que dando passo à realidade tenhamos de convir que hoje em dia se tourea em todas as raças do "quarto de milha" ao "sela francês".

O que todos os cavalos de toiros acabam por ter em comum é o serem, de facto, animais extraordinários.

Na douda opinião de Simão Luís Veiga, homem que entrando na história como cavaleiro de postin, obteve quando adolescente grandes êxitos toureando a pé, um dos quais precisamente na Figueira da Foz em 1896, "o cavalo para toureio deve ter uma formidável construção e um bom moral, ser rápido e ágil (...) o cavalo de toureio tem que ser um cavalo predestinado, com as máximas faculdades, com elegância e graça nas atitudes ... completo em tudo". Assim se pronunciou o fundador da dinastia veiga em artigo que publicou na revista "ano hípico português" que a sociedade hípica portuguesa publicou em 1953.

A definição do saudoso cavaleiro pintor, é tão só a definição do craque, que, convenhamos, não abunda presentemente, apesar dos bons e conhecedíssimos cavalos que nos é dado ver evoluir nas arenas.

Descontemos a escassa meia dúzia de excepções daquilo a que poderemos chamar "cavalos vedetas", descontemos ainda as circunstâncias por demais evidentes em que nos é dado ver cavalo e não ver cavaleiro, e, vendo bem que outros animais por aí andam normalíssimos que só se agigantam sob a soberba mão de rédeas que os domina, o que sobra e constitui a grande maioria, são cavalos vulgares.

Abundar mesmo, abundam o que apelidamos de "cavalos do número", isto é, montadas altamente especializadas, que ou servem ao cavaleiro para parar os toiros e colocar ferros compridos, ou servem para colocar ferragem curta, mas que raramente se prestam a uma lide por inteiro, como era norma e orgulho do calção não vão lá muitos anos.

Estão de momento os cavalos postos em tal afinação, que começa a ser vulgar ver um

cavaleiro mudar de montada, indo buscar uma outra, tão só para que as características da mesma lhe permitam, por exemplo, o número do par de bandarilhas; sendo prática bizarra e dispensável, não deixa de ser contudo prova de inteligência por parte do cavaleiro, que, sabedor do que valem os seus cavalos, busca o que lhe permite a execução do número, a conquista do público fácil, em suma, o triunfo.

Grave mesmo, acontece quando cavaleiros, alguns até com tarimba, saem à praça com um cavalo, com que obviamente se sentem bem e obrigatoriamente querem adequar a lide às características do cavalo, quando é por demais sabido, até pelos próprios, que é o comportamento do cavalo que se deve adequar às características do toiro a lidar.

Viciados no toiro pastuenho e fasto de bravura, voluntarioso que baste para que ande atrás dos cavalos, e, consinta com mais ou menos brilho a chamada ferragem da ordem, cavaleiros há que em tardes não, não passam do que no jocoso apelido de lides a papel químico, em que se permitem reproduzir as sortes, com a eficácia sempre a abrandar, do primeiro ao último ferro.

Quando rompe praça um toiro que leva dentro bem mais que um comportamento encastado, é ver tais cavaleiros em pânico, dado que o "número" não resulta e parece e é certo que transmitem a sua carga nervosa aos cavalos que montam.

O fenómeno é de certa forma novo, conquanto que ninguém duvide, e desde sempre, que as maiores broncas tocam em regra aos que são capazes de armar os maiores tacos.

Anne Alcock em 1973 publicou em edição da octopus cooks um curioso livro sobre cavalos e ao referir-se aos cavalos de toiros portugueses diz – "Os cavalos são treinados durante anos e muitos nunca chegam à arena". Está correcta a informação prestada à autora, de que faz eco, mas o que parece ter mudado e muito, foi a capacidade aquisitiva e a paciência dos cavaleiros para extrair dos cavalos o máximo das potencialidades capazes de serem exibidas em praça. Animais de preço elevadíssimo quase obrigam os cavaleiros a funcionar com eles, mesmo que a empatia cavaleiro / cavalo, cavalo / cavaleiro estejam ausente, dado que muitas vezes uma só montada chega para descapitalizar artistas menos afortunados; por outro lado, em época de mecanização acelerada, por estranho que pareça, há quem julgue o cavalo uma máquina a que só é preciso dar à chave para que ande, a ponto de muitas vezes várias temporadas e o cavalo, visto que não raro só se relacionam de facto, na situação de risco e "stress" que a lide constitui.

Que se subentenda que felizmente as excepções ao panorama existem, mas este conjunto de circunstâncias é muita vez responsável por situações deprimentes patenteadas em praça, em minha convicção, a culpa menor é a dos cavalos.

É por tal pensar, que assistindo ao permanente trocar de cavalo por parte de certos cavaleiros, me apetecia gritar bem alto que alguns cavalos bem mereciam trocar de cavaleiro.

Domingos da Costa Xavier



O TOIRO DE LIDE

Os aficionados, com a responsabilidade de o serem, e o público pagante em geral, esquecem-se muitas vezes que o mais importante na festa de toiros é, logicamente, o toiro.

Juan Belmonte, que curiosamente, segundo Morais, em 1927 foi objecto de enorme bronca no Coliseu Figueirense, por em corrida dirigida por António Abreu, se ter recusado a estoquear um toiro, dizia eu, em biografia que Chaves Nogales lhe redactou, diz a dado passo: "O público quer o toiro facilmente toureável. Por isso prefere o toiro de três anos. A razão dessa preferência é óbvia, visto que o novillo se presta mais à lide, simplesmente porque investe a direito. Ao toiro, até que não vá sendo velho, não se abre a cornamenta, nem sabe atirar derrotes. O novillo tem as pontas dos cornos para diante e por isso está acostumado a ferir insvetindo a direito. Mais tarde, quando o toiro já viveu bastante no cercado e nas lutas com os outros toiros aprendeu a pelejar, já sabe que atirando derrotes à esquerda e à direita se defende melhor que deixando-se levar pelo seu nobre instinto, é quando o toiro, já com a cornea aberta, corneia de outra forma.

... Mas o toiro velho e experiente não serve para a lide que o gosto do público impõe".

É sabido que em virtude das suas características físicas e arguta inteligência, Belmonte revolucionou o toureio do seu tempo e trouxe para a festa toda a vertente estética e bela que até aí era minimizada face ao valor. Sem que deliberadamente o quisesse, prociciou também aos ganadeiros a linha de orientação que tem sido seguida até aos nossos dias, e que começou com António Perez Tabernero, que segundo cañabate "logrou, por meio de selecção o tipo de toiro que se ajustava ao estilo belmontino que tão profundamente penetrava nos gostos do público. Nasceu lentamente, ao cabo de umas quantas camadas, um toiro mais nobre, mais "pastueño", mais suave, a que desde logo havia que dominar, mas não com o esforço de um combate em que o toureiro tinha que se livrar sobretudo das suas ciladas e resábios, e muitas dificuldades. A evolução do toiro tinha-se conseguido em parte. Continuavam a sair toiros mansos mas em menor número. A luta já não era um imperativo necessário. O toureiro podia atender aos gostos do público ansioso de bizarras envoltas em posturas airosas e em posturitas de mero adorno".

Em boa verdade, exceptuando as honrosas prestações de toureiros sérios, é corrente vermos despachados sem apelo nem agravo todos os toiros que saem às arenas a pedir contas.

Quer queiramos ou não e continuamos a citar cañabate: "A essência da festa de toiros radica na perigosidade do toiro, dominada por um homem que encontra no risco a possibilidade de demonstrar a sua qualidade de artista, e aqui a singularidade da festa, que se baseia não na rudeza do toiro de então, mas tão pouco na bondosa condição do desta época".

Nas arenas espanholas sobra aos toureiros com vergonha a possibilidade de se mostrarem possantes e lidadores e aos outros, para que se redimam ou não o instante da sorte suprema. E entre nós? Desgraçadamente as mais das vezes o assistir complacente à farsa até ao fim.

Sendo o toiro o objecto primordial da minha aficção, importa assim que alerte, embora que sinteticamente, os meus leitores, para os atributos que deve possuir o toiro de lide.

Os meandros da genética são complicados e é assim desculpável o que a esta ciência pode ser imputado e o criador não domina. A primeira condição exigível ao ganadeiro é que os seus produtos tenham apresentação, o que os nossos vizinhos chamam de "trapaio", no dizer de cossio, boa planta e galhardia, e, também possuir casta, isto é uma procedência brava e linhagem conhecida.

Devem igualmente ter nobreza, isto é, serem francos e claros na sua acometida e sobretudo ser bravos, com as qualidades específicas que lhe são inerentes, e idade.

Assim o toiro ideal, nem sempre é boiante, isto é, o que reúne todas as características enunciadas, mas que acusa uma bravura sem nervo, mas sim o realmente bravo, com sentido e poder, sobre o qual o toureiro tem prazer em triunfar.

Escrevia em 1977 o meu colega e amigo Helder Bonifácio que "os ganadeiros de hoje sentem mais orgulho ao ver como um seu produto colabora com o toureiro numa lide de filigrana em que o toiro aparece como que amestrado, e em que o sentimento de perigo está completamente ausente, que em ver as dificuldades que o toiro põe ao toureiro e o modo como este as resolve" e acrescentava "... cuidado com o nobilíssimo toiro "de carril", de bravura temperada, suave e inofensiva, pois daí ao pungente estado de mansidão, não faltam mais do que umas gerações".

Partilho, alicerçado nalguma experiência que a actividade profissional me tem dado, inteiramente da opinião supra expressa. Importa que as figuras do toureio ao invés de imporem ganadarias pela sua comodidade, imponham ganadarias pela sua real bravura, impossibilitando assim as razões de decrepitude da festa de que lautamente se sustentam e que os tornou ídolos de pés de barro.

Honra pois aos ganadeiros que não produzem toiros "de carril" e não pactuam com "martingalas" e aos toureiros sérios e de carácter que toureiam todas as ganadarias; na sua honestidade radica o futuro da festa.

Domingos da Costa Xavier
Médico veterinário



O CASINO E OS TOIROS

Garraiadadas de outros tempos



Perseguindo a cidade na sua faceta marialva, o Casino da Figueira sai vestido de rosa e ouro, de montera negra na mão, como se faz quando se pisa pela primeira vez a arena, para assinalar o 1.º centenário do Coliseu Figueirense.

À ideia vêm também as célebres garraiadadas infantis no então Salão de Inverno onde tudo era preparado ao pormenor. Usavam-se capotes e muletas com

elegância e arrojo, num improvisado redondel, com a trincheira a servir de obstáculo à fantasia que dominava o olhar feliz da pequenada.

A abrir o espectáculo saíam para as cortesias os cavaleiros de palmo e meio, levando as improvisadas montadas a passo e com garbo. Saudavam com vénia (de cabeça descoberta) as galerias, como de um camarote real se tratasse. Vestiam à marialva: casaca bordada, tricórnio de plumas e bota alta. Neste belo desfile (várias vezes acompanhado pelo clarinete do maestro Santos Rosa) seguiam os forcados.

Os mais pequenitos levavam com eles a valentia e a graça. Os ferros, para o uso da lide, eram cópia fiel daqueles que picavam a sério ...

Tocava o clarim para o primeiro da tarde e começava a festa que tradicionalmente era adoçada com um chocolate cujo sabor ainda hoje se guarda.

Tardes que os miúdos confundiam com aquelas que os "grandes" viviam cá fora. Era o homem da trompeta a subir a Rua da Fonte, os dourados que brilhavam no azul escuro das fardas da Filarmónica Figueirense, quando emprestava às marchas um sabor toureiro, ao subir a Rua da Liberdade – episódios soltos de dias quentes de Verão, tardes que marcam um rosário infindável de recordações.

Na Praça, quase sempre cheia de público, o ambiente era de festa! Momentos de glória sublinham tantas épocas tauromáquicas.

Nestes primeiros cem anos, o Coliseu Figueirense fez os cites do desafio e saiu-se bem. Em todas as realizações, as mais díspares, luziu um toureiro bordado, bonito e rico de adornos. Sai em ombros!

A. Jorge Lé
(Jornalista)



RECORDANDO ...

LEMBRANDO...



Em memória de Manuel dos Santos

"Um parentesis se abriu, após a Feira de S. João de Badajoz de 1949, na gloriosa carreira do Matador de Toiros **Manuel dos Santos**; é que se tornou inadiável a operação aos joelhos do artista por via duma enfermidade que se agravava e punha o Toureiro em condições físicas inferiores, de que podia resultar qualquer fatalidade.

Manuel dos Santos tomou o caminho de Barcelona onde foi operado em 01 de Julho na Casa de Saúde Gimbernat, pelo Grande Cirurgião Dr. Joaquin Cabot Boix. Ao doente foi dada alta no dia 12 do mesmo mês.

A última parte da convalescença foi passada na risonha Praia Nortenha de OFIR, seguindo **Manuel dos Santos** para os campos do Ribatejo e de Salamanca, com o fim de se dedicar ao treino e se tornar apto a prosseguir na sua Brillhante Campanha de Toureiro.

A reaparição deu-se no Domingo 28 de Agosto, seguinte, na Praça da Atlântica Cidade da Figueira da Foz, cujas tradições taurinas palpitam há longos anos. Poucas são as Celebidades do Toureiro que não tenham passado por ali, e por isso, é de aceitar e aplaudir a ideia da organização duma corrida de importância que viesse marcar mais uma data solene no historial da casa.

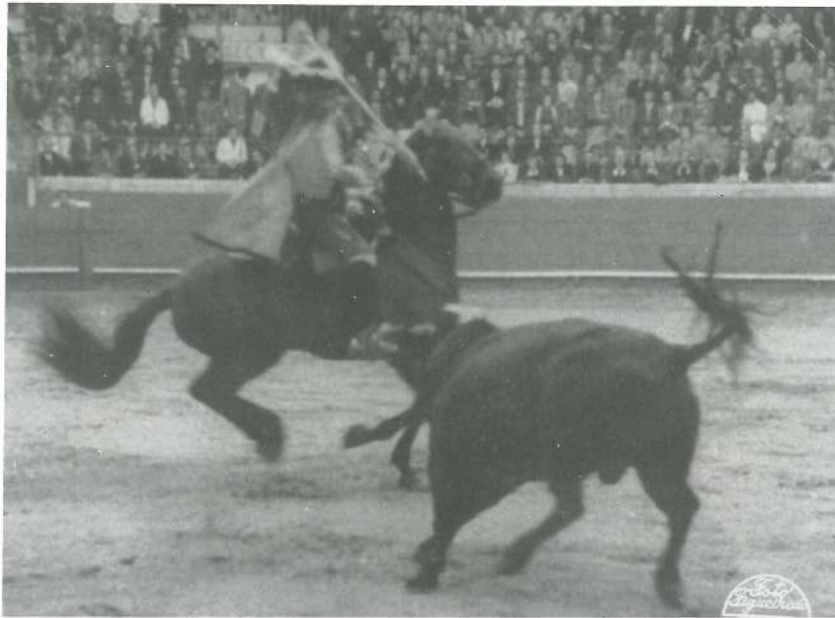
O cartaz estava assim elaborado: – Quatro toiros de Faustino da Gama para os Cavaleiros **Simão da Veiga Junior** e **João Núncio**; e os outros quatro, de **João de Assunção Coimbra**, para os matadores **Diamantino de Viseu** e **Manuel dos Santos**, havendo sido pegados os potentes toiros de cavalo pelo Grupo de Forcados de Lisboa.

A praça encheu-se até ao telhado, e no meio dos espectadores, notou-se a fina flor da "AFICION" Portuguesa, vinda de variados pontos do País e integrada numa alegre e garrida multidão em que lindas mulheres imprimiam um saborosíssimo tom àquela aguarela viva e exuberante de cor e frescura.

Terminada a memorável corrida, **Manuel dos Santos** foi acompanhado duma multidão, que descendo a rua ornada de verdes plátanos, continuava a aclamá-lo num carinhoso e merecido gesto. E não faltou quem a plenos pulmões, gritasse: – **Viva Manuel dos Santos!**"

Obrigado Manuel dos Santos

DEPOIMENTO DE:



Dr. Fernando Salgueiro

Falar sobre a Praça de Toiros da Figueira da Foz, para mim torna-se fácil; pois era uma das Praças onde mais gostava de tourear, pois tive a felicidade de me sentir sempre à vontade; é uma praça que tem um público que sente a festa com alegria, e sabe transmitir essa alegria ao artista.

Foram muitas as vezes que lá me senti realizado como toureiro.

Das vezes que me senti mais a meu gosto, foi num festival organizado por umas senhoras em que toureei com o Faustino Gama e o Mestre João Núncio; tudo me correu muito bem, e finda a corrida, a minha actuação no meu cavalo Corinto (Foja), foi muito apreciada.

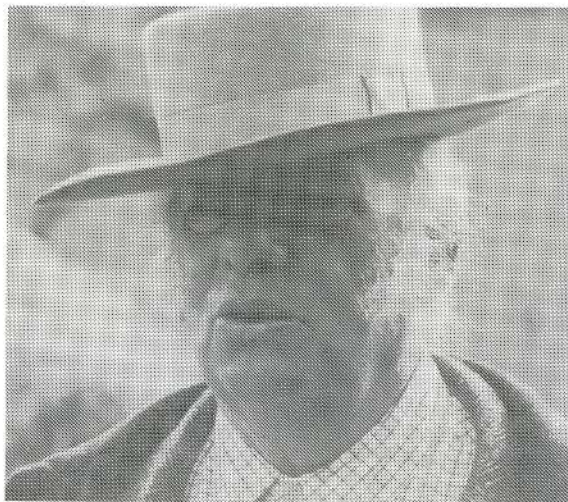
Tive várias tardes boas, das quais me não recordo, mas lembro-me de uma tarde em que o meu cavalo escorregou, caímos os dois e quando nos levantámos tive uma grande ovação ao montar e continuar a tourear.

A Praça da Figueira da Foz, volto a dizer, é das praças mais bonitas e alegre que temos, e é sempre com prazer que qualquer artista lá actua; toureei lá muitas vezes, meu filho também, e agora o meu neto também lá tem toureado.

Resta-me desejar as maiores felicidades e as melhores corridas para a linda Praça da Figueira da Foz.

Fernando Salgueiro

DEPOIMENTO DE:



David Manuel Godinho Ribeiro Telles

Agradeço a vossa atenciosa carta, bem como a importância com que me distinguem. Em 1946 estava em Coimbra, no oitavo ano da Escola de Regentes Agrícolas onde completava os meus estudos para entrar num curso superior.

Garraiada no Coliseu Figueirense por altura da Queima das Fitas. Cavaleiros: Dom Luís de Attayde e David Ribeiro Telles. Toiros Barbeiros pois nesse tempo não havia garraios.

Pedi ao meu pai que me mandasse o cavalo Espartero, único que nessa altura tinha. Por dificuldades de transportes não chegou o Espartero e pelas 10 horas da manhã do dia da garraiada ainda não tinha cavalo, a não ser um que o meu amigo Luís Attayde me emprestara logo de manhã.

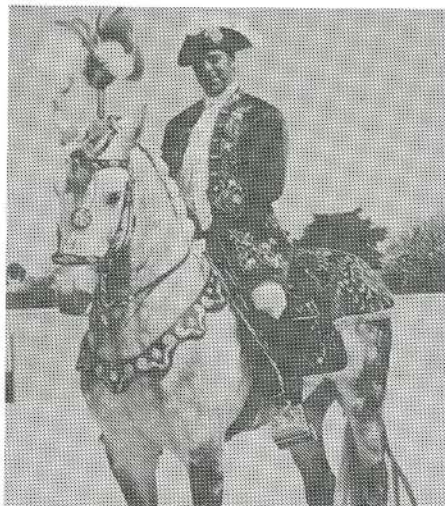
Avisou-me, porém seu irmão José que o animal tinha pouca aficção e, numa palavra, que não era de fiar.

Antes do Sorteio aparece-me o meu querido amigo Senhor Tanganho. Incomoda-se com a minha situação. Telefona para o amigo e compadre Messias da Mealhada que possuía um cavalo que tinha sido da Conchita Cintrón e que o Tanganho muito bem conhecia. Compromete-se a ter o cavalo a horas do começo da garraiada já aparelhado e enfeitado.

Atrasa-se. Desespera o Sr. José Tanganho. Faço as cortesias no cavalo do Attayde. Peço para tourear em segundo, embora me competisse o primeiro lugar.

Chega por fim o cavalo, devidamente aparelhado. Foi só montar e entrar na arena. Com os conselhos do sr. José e a sorte tenho uma das melhores tardes da minha carreira de amador. No meio de grande entusiasmo sacam-me os Doutores a ombros, dão-me volta à arena. Oferecem-me as pastas de Fim de Curso e vincam em mim uma das mais recordadas tardes no Coliseu Figueirense.

DEPOIMENTO DE:



Manuel Conde

Pedi-me a Comissão encarregada das Festas Comemorativas do Centenário do Coliseu Figueirense, ou seja a Praça de Toiros da Figueira da Foz, que descrevesse algo que me lembrasse das numerosas tardes em que ali toureei.

Pois não me lembro de nada em especial, o que me lembro sim, é que sempre que me convidavam ou contratavam para tourear nessa Praça de Toiros, era com muita satisfação que aceitava. E confesso que nessa tão linda e simpática Cidade, com um público tão alegre e carinhoso que talvez tivesse tido das minhas melhores actuações e a prova disso foi que durante tantos e tantos anos, que foi a minha longa carreira como toureiro, era contratado todos os anos para aí tourear quase sempre em duas tardes.

Recordo-me uma corrida em que toureava o Dr. Fernando Salgueiro e eu, os matadores Manuel dos Santos, Diamantino Vizeu e os forcados de Santarém, com um corrida de oito toiros dos irmãos Oliveiras, de Samora Correia, que saiu de tal bravura que os ganadeiros tiraram para sementais 3 toiros dessa linda e gorda corrida.

Foi de tal ordem o êxito que tivemos todos, que o público que enchia essa tão bonita Praça, nos aplaudiu desde a Praça até ao Hotel Portugal, onde estávamos hospedados e à noite no Casino, o Dr. Fernando Salgueiro e eu voltamos a ser ovacionados por essa tão simpática gente.

Também me estou a lembrar de outra corrida em que toureei com o Sr. João Nuncio, toiros de ganaderia de Lima Monteiro, que pelo seu tamanho e bravura, ficou célebre e na qual obtivemos grandes êxitos.

Nesse tempo divertiamo-nos muito aí na Figueira, não só nas corridas como no Casino, que era frequentado por muitos ganadeiros e aficionados portugueses e espanhóis, que vinham passar as suas férias. O que os levava a escolher para essa Praça os curros de toiros que eram mais bonitos e melhor nota.

DEPOIMENTO DE:



Nuno Salvação Barreto

Junto tenho o prazer de enviar uma cópia de uma fotografia minha tirada na Praça de Touros do Campo Pequeno. Quanto a um episódio passado comigo na Praça de Touros da Figueira da Foz; lembro um:

Era habitual vir em alguns cartazes e programas assim escrito "os forcados pegarão os touros que o director da corrida mandar".

Nessa tarde era Director de corrida, Manuel dos Santos Velho, não o matador, ao que eu lhe disse: o senhor não manda os cavaleiros cravar à tira ou à meia volta e também não diz aos matadores quais os passos que irão fazer; saiba então que quem manda no grupo de forcados amadores de Lisboa sou eu e não mandará pegar de curto, de largo, a sesgo ou de cernelha.

Durante a corrida realizada nessa tarde, cujos touros eram do "Térré" e irmão, da Golegã, não houve problemas durante o primeiro e segundo touros.

Chegado ao quinto touro da corrida, Manuel dos Santos por sua própria iniciativa mandou o touro ir para a pega de cernelha sem me consultar. Acto contínuo, eu refilei com o Director de corrida e contra sua vontade saltei à praça e peguei o touro de caras.

Logo a seguir, o grupo todo abandonou a Praça, ficando um touro por pegar.

Devo dizer, que metade da lotação da Praça, também a abandonou.

Só sei que quando chegámos a Lisboa, no dia seguinte, havia chegado um telegrama da empresa, pedindo-nos para que voltássemos no Domingo seguinte, pois havia organizado uma corrida à base do Grupo de Lisboa.

Lembro-me que a casa esgotou. As corridas eram então de oito touros e decorria o ano de 1946 ou 47.

Nunca mais apareceram nos programas ou cartazes as palavras "Os forcados pegarão os touros que o Director da corrida mandar".

Tenho outros episódios a contar, mas julgo este ser suficiente.

Criei para os forcados em Portugal um novo estatuto, nova farda e novas formas de pegar.

Nuno Salvação Barreto



CONFESAC
CONFECÇÕES DE SACOS, LDA.

SACOS PARA INDÚSTRIA

E

AGRICULTURA

SEDE: Rua Pedro Álvares Cabral, 2 B - 2.º Dt.º
2830 BARREIRO - Telef. 204 82 45

FÁBRICA: Rua Agostinho Neto, 38 A
Alhos Vedros - Moita - Tel. 202 06 81



Pensão
BELA VISTA
RESIDENCIAL
3 ESTRELAS ***
P O R T U G A L

Esta pensão, completamente remodelada, situada no melhor local do Bairro Novo, junto à Praia e Casino, possui amplos e higiénicos quartos, com água corrente quente e fria

QUARTOS SIMPLES
E COM CASA DE BANHO PRIVATIVA

AMBIENTE ACOLHEDOR

Rua Joaquim Sotto Mayor, 6
BAIRRO NOVO

Telefone 2 24 64
3080 Figueira da Foz

PENSÃO DAS TERMAS ***

Todos os quartos com água corrente quente e fria e excelente serviço de mesa com dietas

Quartos simples
e com casa de banho privativa

AMBIENTE DE HOTEL

Ampla sala de estar com televisão e «Bar»

TEM PARQUE PARA AUTOMÓVEIS

Telefone 4 42 26
6075 Termas de Monfortinho
(de 1.ª classe)
- Portugal -

CASA
A. MORAIS



ÓPTICA MÉDICA
OCULISTA
RELOJOEIRO

HENRIQUE MORAIS, LDA.

Óptica Morais

69 ANOS DE PRESTÍGIO DIÁRIO 1925 - 1994

A maior e mais antiga
Casa de Óptica do Distrito

Fornecedora Oficial dos:

SERVIÇOS MÉDICO SOCIAIS
CASAS DO POVO
S. A. M. S.
S. S. CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
S. S. DA G. N. R.

Sede: Praça de 8 de Maio, 11 • Tel. 23 060 • Fax 27 701
Sucursal 1: R. Cândido dos Reis, 121 • Tel. 23 281
Sucursal 2: R. Bernardo Lopes, 67 • Tel. 22 395
3080 FIGUEIRA DA FOZ

DEPOIMENTO DE:



José Agostinho dos Santos

José Agostinho dos Santos, 62 anos de idade, filho de Carlos dos Santos (bandarilheiro) irmão de António dos Santos (matador de touros) primo de Manuel dos Santos (matador de touros) exerceu a profissão de bandarilheiro a partir de 1950 a 1979.

A praça de touros da Figueira da Foz tem sido bem administrada e cuidada pelas Direcções que tem tido. Recordo-me com muitas saudades das empresas que por lá passaram organizando carteis com datas históricas do toureio, com artistas nacionais e estrangeiros.

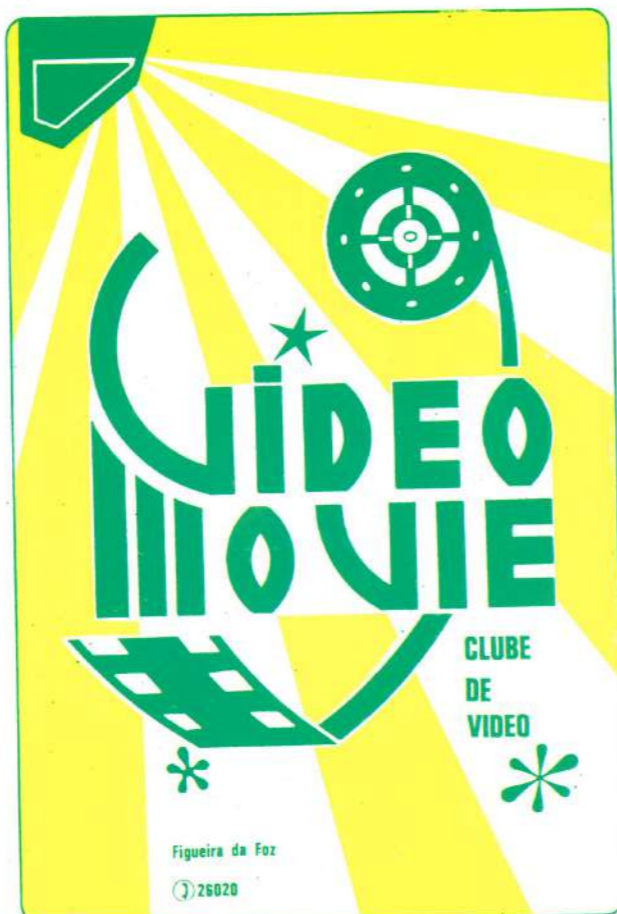
José Agostinho dos Santos

Farmácia GASPAR

Directora Técnica
Prof. Doutora Maria Cemência Aréde
Gaspar de Lemos Mourão

UMA FARMÁCIA QUASE CENTENÁRIA
EQUIPADA COM A
MAIS MODERNA TECNOLOGIA

Rua da Liberdade, 47 - 51
3080 FIGUEIRA DA FOZ Tel. (033) 2 20 39



APOIA A COMISSÃO DO CENTENÁRIO



RESTAURANTE • MARISQUEIRA
AQUÁRIO



... Porque a gastronomia
é uma Tradição na Figueira da Foz!

ALTO DO FORNO
☎ 2 14 72

BUARCOS
3080 FIGUEIRA DA FOZ



RESTAURANTE
MARISQUEIRA

Saboreie a nossa gastronomia
Simpatia e qualidade ao seu serviço

Aberto até às 04,00 horas
Banquetes – Casamentos – Baptizados

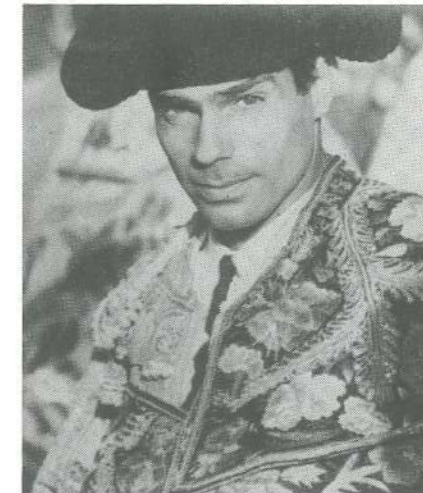
Taste our gastronomy.
Kindness and quality at your service.
Open til 4 h a. m.

Savourez notre gastronomie.
Sympathie et qualité à votre service.
Ouvert jusqu'à 04 h du matin

R. Bernardo Lopes, 85-87
☎ 2 69 30

3080 FIGUEIRA DA FOZ

DEPOIMENTO DE:



Armando Soares

O tempo não passa; voa !
Ainda parece que foi ontem.
Decorria o ano 56, e eu fazia a minha apresentação na Figueira.
No "cartel", o nome de Diamantino Vizeu era o grande atractivo.
Para mim, era uma grande honra alternar com aquele que foi o nosso primeiro matador de toiros.

A ganaderia era de António Cabral de Ascensão.

O sorteio determinou que o toiro maior e mais gordo seria toureado por mim. Com o nervosismo, que antecede sempre um grande acontecimento (assim o era para mim), comecei no Hotel Hispania a vestir o "traje de luces" e a sentir a verdadeira grandeza do que é ser toureiro em dia de corrida.

Só que o destino, no dia da minha apresentação no Coliseu Figueirense, determinou que naquela tarde teria apenas de vestir e despir o traje.

O tempo, que se mostrara nebuloso desde a manhã, rompeu, como se esperava, numa enorme trovoadada, acompanhada de chuva e vento quase ciclónico. Nem cheguei a sair do quarto.

Só uma semana mais tarde, eu toureei o tal toiro grande e gordo, que saiu bem e me proporcionou o meu primeiro triunfo na Figueira.

Durante muitos anos voltei sempre no Verão, a tourear na Figueira da Foz. Anos houve, em que mais de uma vez.

Mas, um outro acontecimento voltaria a colocar o Coliseu Figueirense como, uma praça de fortes recordações. Foi uma nocturna em 1969. Estreava-se a ganaderia de M. Veiga, eu já com uns anos de alternativa e o inolvidável Paquirri que se apresentava.

Nessa corrida ambos chegámos atrasados. Paquirri toureou pela tarde em Coruche, e eu na Arruda dos Vinhos. Numa passagem de nível que se encontrava fechada, pouco antes de Figueira, o meu moço de espadas, Xana, aproveitou para me vestir a "taleguilha" e no pátio de quadrilhas, vesti a camisa, pus a gravata e a jaqueta, enquanto o Xana me apertava os "machos". Foi só aparecer na arena e sair o meu primeiro toiro. Dois minutos depois chegou o Paquirri.

A corrida foi um êxito.

Obrigado Figueira !

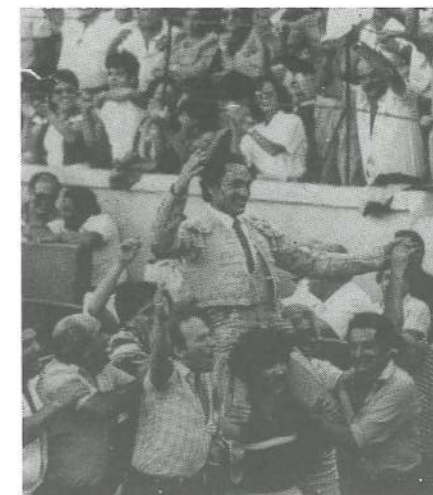
Armando Soares



Restaurante Marginal Oceânica, Lda.

Telefone 3 22 97
Marginal Oceânica
VAIS – Buarcos
3080 Figueira da Foz

DEPOIMENTO DE:



Mário Coelho

De entre as inúmeras Praças de Toiros onde actuei, no decorrer de longa carreira de toureiro com mais de quatro décadas, desde a "familiar" Praça de Vila Franca às longínquas Praças de Angola e Moçambique ou aquelas dos mais reconvidos pueblos das Américas passando por Espanha e França, guardo da Praça de Toiros da Figueira da Foz uma indelével recordação. Na realidade constitui grande orgulho para mim ter podido actuar tantas vezes no espaço tão senhorial do quase centenário Coliseu Figueirense, onde graças a Deus tive ainda o grato privilégio de alcançar triunfos em tantas tardes.

Figueira da Foz, era uma praça muito importante, das mais importantes do nosso país, com cartazes bem montados, que incluíam as figuras mais notáveis, e de maior prestígio num ambiente taurino de grande beleza e com uma assistência conhecedora e exigente. Por isso cada artista sentia a grande responsabilidade e tudo fazia para corresponder à importância de actuar naquela pitoresca arena. Logo ao iniciar o "passeo" ao atravessar aquele piso brilhante e tão bem tratado, sentia-se o ambiente extraordinário e belo. Bancadas repletas de um público tisonado pelo sol doirado da "Rainha das Praias" com elevado número de espanhóis que não regateavam aplausos. No entanto, constituía nota muito importante o elevado número de senhoras presentes, as quais dando uma nota e um "perfume" muito especial, estimulavam os artistas a superarem-se.

Actuei tantas vezes na Figueira da Foz, que lhe perdi a conta.

Alternei com grandes figuras do toureiro mundial, obtive números triunfos e recebi algumas homenagens.

Não distinguirei qualquer delas, todas foram muito importantes, e, mais do que relembrar esta ou aquela "faena" este ou aquele par de bandarilhas ou lances de capote, mais do que relembrar os toiros que me proporcionaram os triunfos ou o valor dos meus alternantes, recordarei sempre com saudade e alguma emoção o facto de ter tido a honra de ter toureado na praça mais senhorial do país.

JOSÉ LUÍS COCHICO



**ARTE E ESTILO
VALENTIA E EMOÇÃO!**

DEPOIMENTO DE:



Luís Miguel da Veiga

A Praça de Toiros da Figueira da Foz, tem uma história imensa. Tem sido palco de grandes actuações de todos os mestres da tauromaquia, lidando toiros de ganaderias extraordinárias. Por isso, está sempre bem cuidada a maravilhosa Praça de Toiros, com o seu respeitável e acolhedor público de excepção, representa para mim um caso único de sentimento taurino.

Luís Miguel da Veiga

DEPOIMENTO DE:



Joaquim Bastinhas

– Quando por vezes ouvimos e assistimos a algumas manifestações demagógicas contra a Festa de Toiros, deveríamos ter o cuidado de não esquecer as origens no tempo e a sua evolução, para provar a essa gente a sua raiz tradicional e popular.

Este caso que assinalamos com alegria, o 1.º Centenário do Coliseu Figueirense, é prova viva, real, inequívoca de que há cem anos já existiam na Figueira da Foz, aficionados de rasgada visão, de grande espírito de defesa daquilo que gostavam, apostando construir um recinto onde os outros aficionados da região pudessem assistir aos espectáculos.

Este estatuto de Centenário que o Coliseu Figueirense agora adquire, alberga em si todos os momentos de glória e fracasso vividos na sua arena, todas as paixões e alvoroços vividos nas suas bancadas, todo o historial enfim daqueles que por aqui passaram como artistas, ganadeiros, forcados, pessoal de arenas, curros, portas, bilheteiras, gerentes e público aficionado.

É um bem que deve ser respeitado em cada dia e que agora mais responsabiliza o futuro desta Praça.

Eu faço parte deste historial desde 1973 quando actuei numa Garraiada da Universidade de Coimbra. Quase todos os anos aqui tenho toureado e em 1993, vinte anos depois, em 21 de Agosto, aqui tive um dos meus maiores triunfos desta temporada.

Dá gosto chegar à Figueira ! Ver a Praça bem cuidada, toda pintada, não deixando ver as marcas do tempo. É prova do amor e carinho dos seus proprietários pela sua Praça, do orgulho pelo seu passado. Importa continuar a preservá-la assim, enquanto monumento digno da cidade e enquanto bastião da Festa de Toiros na Zona Centro do País. Hoje, a Figueira da Foz tem que ser, continuar a ser, uma Praça importante, onde toureiros e ganadeiros queiram ir, onde o público exija cartéis com força, onde a Empresa, os proprietários, e as entidades oficiais da cidade devam apostar em servir bem os aficionados e turistas.

Neste Ano do Centenário, o Coliseu Figueirense merece que os homens de hoje sejam tão aficionados como os homens de 1895.

Pela minha parte, como toureiro, o meu respeito por 100 Anos de Tradição do Coliseu Figueirense.

Joaquim Bastinhas



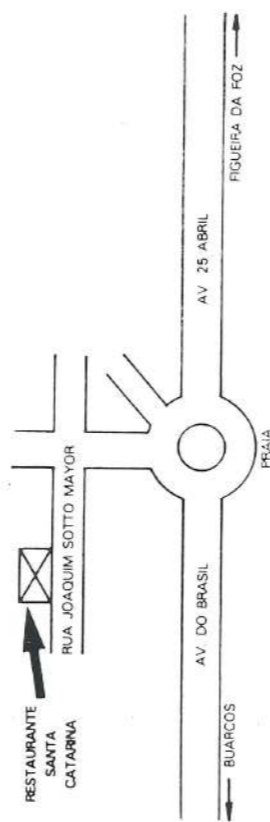
ATELIER CARLOS CARDOSO
arquitectura e planeamento lda



RESTAURANTE
TÍPICO



Restaurante • Churrascaria • Snack-Bar • Piscina
Serviço de casamentos, baptizados, congressos, etc.
No centro da Figueira da Foz (Junto às Abadias)



Rua Joaquim Sotto Mayor — Quinta de Santa Catarina — 3080 FIGUEIRA DA FOZ — Tel. 2 21 78

DEPOIMENTO DE:



João Ribeiro Telles

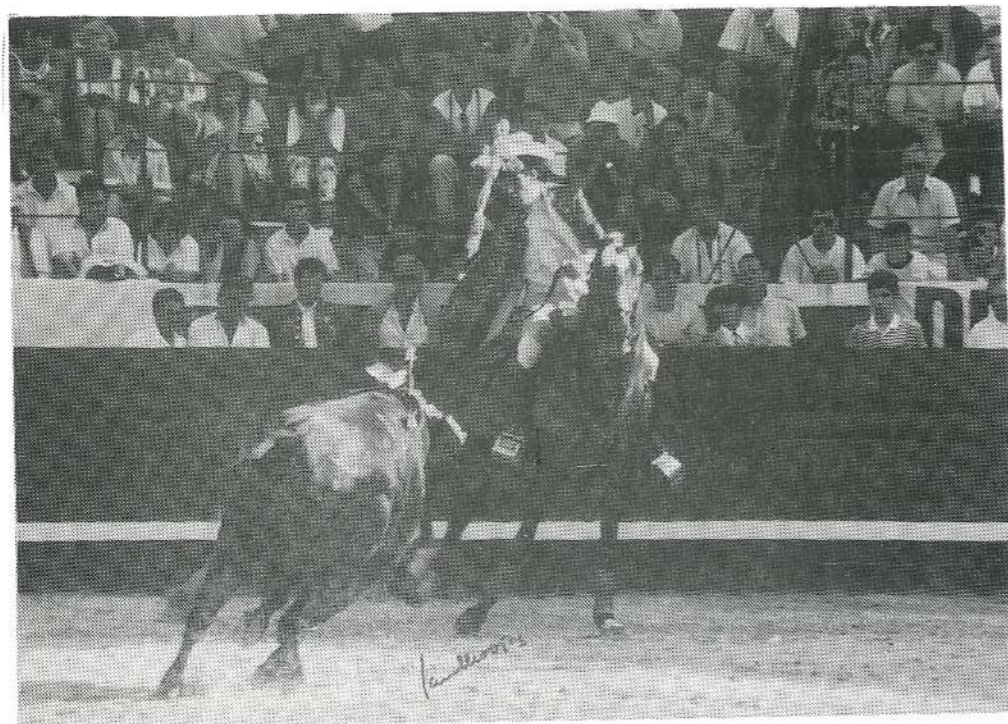
Caros Amigos.

Não foram muitas, mas são com todo o gosto aquelas corridas com bom ambiente e sabor a praia, que normalmente tenho toureado no mês de Agosto na Figueira. Lembro-me dum a que toureei nos fins dos anos 70: Almocei calmamente com a minha mãe que passava o Verão em S. Martinho do Porto, e parti para tourear uma corrida que pensava eu, que começava às 5h30m. e com grande espanto apercebi-me num cartaz que a corrida começava uma hora mais cedo. O Mestre Batista deu-me um grande raspanete "Olha que o teu pai chega sempre meia hora mais cedo" - disse-me ele sem se rir. Lá montei no cavalo e começámos a corrida. Por azar o meu, reparei que com a pressa me tinha esquecido de calçar as meias de tourear. Assim que olhei para as botas do Batista fiquei à vontade, pois ele com a sua descontração nunca as usava.

A corrida correu normalmente, mas ficou-me na memória o único toiro que toureei em duo com esse génio que foi o Mestre Batista.

João Ribeiro Telles

DEPOIMENTO DE:



António Ribeiro Telles

Sempre adorei tourear na Figueira e lembro-me de ter toureado na corrida da inauguração da luz eléctrica em que haviam milhões de mosquitos à volta das lâmpadas.

Nesta corrida tentei passar numa nesga que havia entre o touro e a trincheira, pois o "Palhinhas" que era um cavalo rápido e voluntarioso punha uns ferros de palmo arrepiantes.

Resultado:

Atrasou-se um segundo, o touro agarrou-o, partiu a trincheira, rasguei os calções, mas não fui para o chão, porque o cavalo era valentíssimo.

António Ribeiro Telles

DEPOIMENTO DE:



João Salgueiro


Foi com grande prazer que ao longo da minha carreira tenho vindo tourear com frequência à Figueira da Foz, Praça onde o carinho do Público me foi sempre bastante favorável.

João Salgueiro

A HISTÓRIA
EMOCIONANTE

DE
UMA
GRANDE
E ÍMPAR FIGURA



Edição  • Distribuição VASP • Apoio RTC

Preço 2500\$00

Preencher com letra legível, cortar pelo
tracejado e enviar para:

TV Guia, Editora
Av. Gago Coutinho, 113
1700 LISBOA



Desejo adquirir ____ livro(s)
«MEMÓRIAS DE UM TOUREIRO»
ao preço unitário de 2500\$00,
para o que junto envio:
CHEQUE ; VALE POSTAL

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

CÓD. POSTAL _____

RECORDAR



Por Diamantino Vizeu

Falar da Praça de Toiros da Figueira da Foz, que agora completa cem anos, é, para mim, despertar a memória e, com ela, percorrer, sorridente, um trecho da minha carreira artística, tal a meiga recordação que guardo desta arena – afundada entre gente compacta que se debruçava sobre os lidadores, exigente na contrapartida do que havia deixado na bilheteira...

No país taurino que então vagueava entre Beja e Figueira da Foz, em qualquer ponto se viam aqueles aficionados sem cura, dos que não perdiam uma só corrida, caras já conhecidas, sabíamos os lugares que ocupavam, sentíamos as suas exigências, apreciávamos o sectarismo que os marcara desde a divisão em diamantinistas e manuelistas...

Não obstante, porém, o enorme desgaste que o lidador sofre quando actua, repetidamente, ante os mesmos olhos, toureei em vinte e uma corridas nesta centenária praça de toiros. E, graças a Deus, na maioria dos casos com bastante êxito, sem o que não seria tolerável tanta repetição no cartaz.

Recordo, com doçura, sucessos muito grandes, loucura nas bancadas, opositores esmagados, apoiantes vitoriosos, público anónimo e turistas despindo-se para o redondel, e, já fora da praça, ainda de "lucos", ainda transpirado, ver cair a noite sem poder libertar-me dos braços estendidos com bilhetes e programas para autografar ...

Certo dia, (a 13 de Agosto de 1956) os jornais relataram um dos meus triunfos nessa arena de grata memória, salientando que eu havia recebido o prémio de quatro voltas ao redondel, chapéus, casacos, flores, trajos femininos, acrescentando o "Diário de Notícias": "... Diamantino Vizeu, que prossegue a senda dos êxitos, toureou com excepcional maestria (...) Diamantino mostra toda a sua arte e valor, principiando a "faena" com quatro estatuários" imponentes, seguindo com passes em redondo, e com a muleta na mão esquerda inicia uma tanda de naturais que quase fecham o círculo. Prossegue com "diamantininas", que o público aplaudiu de pé, delirantemente. Mais passes, fazendo o toiro roçar o "traje de lucos". O público acompanha emocionado o trabalho de Diamantino, que, num ambiente de verdadeiro delírio, remata, ajoelhando e fazendo o "telefone"... "Por sua vez o "Diário Popular" dizia que "... o triunfo de Diamantino atingiu uma grandeza invulgar, pois raras vezes se terá visto aplaudir um toureiro com o entusiasmo com que soaram as ovações para Diamantino durante a faena no segundo toiro (...) a praça dir-se-ia tremer sob a violência dos aplausos e gritos de

louco entusiasmo. (...) agigantando-se com a sua impossibilidade, matemático nos seus cálculos, permitindo que o toiro passasse a roçar-lhe o corpo com violência, mas sem nunca alterar a beleza da sua figura erguida, estática, numa afirmação de saber e de domínio verdadeiramente surpreendentes. (...) uma grande actuação de Diamantino Vizeu para ser comentada e recordada por muito tempo. "O Jornal "República" fazia idêntica apreciação, usando também expressões como "... brilhando a grande altura (...) o público de pé (...) atingiu-se o delírio (...) chapeus, casacos, trajos femininos e recebendo flores..."

Estreei-me nesta praça em 22 de Setembro de 1946, alternando com Augusto Gomes, então hesitante entre as categorias de bandarilheiro e de novilheiro. A parte equestre pertenceu à prodigiosa Conchita Citrón e a Alberto Luís Lopes, com o excepcional forcado Matias Leiteiro no comando do grupo profissional.

Mas vinte e uma corridas que toureei, sete foram em "mano-a-mano" com Manuel dos Santos; quatro com António dos Santos; as restantes com Carlos Arruza, Gregório Garcia, Armando Soares, Luís Briones, José Trincheira, Curro Lara, Cayetano Ordoñez ... E a cavalo tive de companheiros José Casimiro, Simão de Veiga, João Núncio, Dr. Fernando Salgueiro, José Rosa Rodrigues, D. Francisco de Mascarenhas, Manuel Conde, Pedro Louceiro, D. José Ataíde, David Ribeiro Telles, José Barahona Núncio, Murteira Correia e os forcados de Matias Leiteiro, D. Fernando Mascarenhas, Salvação Barreto, Adelino Carvalho, outros ainda ...

Figueira da Foz é um posto tauromáquico de singular expressão. A sua posição geográfica face às populações do centro da nossa terra e a preferência que essas populações lhe dão em tempo de praia, permitem segurar as raízes do espectáculo mais rico de emoção e de originalidade, naquela zona semi-desértica de manifestações taurinas. Desde sempre os toiros constituíram um divertimento dos povos que se fixaram para cá dos Pirineus. Importante será reconhecer que o espectáculo é o único, quase, que resta, entre nós, Portugueses, como característico da nossa gente, dos nossos costumes, da cultura do povo e da própria nacionalidade. Modas estrangeiras vão-nos abastardando – negando-nos e fazendo-nos esquecer a História grandiosa que nos identifica. Perdendo-se o amor às coisas da nossa terra, descaracterizando-nos e prostituindo-nos, após quase nove séculos de Portugal estaremos abandonando a nossa independência...

Mas, Figueira da Foz, colocada entre a zona mais densa e a mais diluída de aficionados, tem na sua praça de toiros e nos seus entusiastas a importante missão de, ali, vitalizar as raízes taurinas que nos chegaram com a nossa própria formação de Povo e de Nação.

Ao celebrar-se, pois, este centenário, deseja-se entender que estamos, apenas, ante uma praça de toiros ainda jovem. Mas que, apesar da muita vida que lhe restará, é já momento para toureiros, aficionados e quantos não reneguem as próprias raízes, felicitarem quem garante a sua existência e o seu funcionamento.

Que não se negue António Sardinha ao glosar, com elevação, amor pela nossa terra, apego à raça e notável sentido cultural, o poema que tanto nos fala:

A raça é sempre a mesma raça pura.
A interpeidez doutro nunca esfria.
Revive nas touradas com bravura
Toda a passada e heróica valentia.

Alma de Portugal, guitarra ao peito.
Alma de Portugal, mas que tristeza!
Desse passado que lá vai desfeito
Só restas tu, tourada portuguesa!

D. Almeida

SAUDAMOS O FUTURO ... COMEMORANDO O PASSADO



Amadeu Anjos

A Figueira da Foz é, no distrito de Coimbra, a cidade onde a mensagem poética se encontra com a grandeza oceânica do Atlântico.

Local de férias que sempre atraiu os veraneantes espanhóis e beirões, talvez a praia portuguesa que castellanos e estremaños tradicionalmente escolhem, a Figueira da Foz vai festejar o centenário da sua praça de Toiros – o Coliseu Figueirense – revivendo na moldura grandiosa da sua expressão arquitectónica, o entusiasmo vibrante de uma grande "corrida" a recordar naquela arena centenária os grandes momentos que iluminaram de glória tardes inesquecíveis de um século de história.

O Coliseu Figueirense bem merece que uma empenhada decisão empresarial ali reúna, na comemoração do seu centenário, um cartel de grande qualidade, isto é, um cartel de "toiraços" e de "toureiraços", e assim sendo, o ritual taurino elva-se ao nível de todas as artes que nele vão buscar imagens de espiritualidade, como acontece na poesia, na pintura, ou na escultura e na dança, quando na arena a inteligência corajosa do toureiro faz arte dominando o poder e a força do bruto toiro.

Há que organizar um cartel de valores que possam evocar dignamente os "100 anos" do Coliseu Figueirense pois se assim for, será um espectáculo digno e um prémio compensador para todos os seus intervenientes, público, artistas, ganadeiros, comissão do centenário, empresa ... e, sobretudo a cidade. Aliás todo o distrito tem hoje uma rede convergente de vias rodoviárias, rápidas e seguras, o que nos leva a dizer que todas elas, tal como o Mondego ... vão ter à Figueira da Foz.

Merece-nos igualmente uma palavra de grande simpatia, o Coliseu Figueirense, quando na sua magnífica arena, nas festas da Queima das Fitas, recebe a corajosa participação de audaciosos cavaleiros, forcados e atrevidos "Maestros" empenhados em mostrar que as "ciências" e as "Letras" na venerada Universidade de Coimbra, não se escusam a lidar sem medo as "feras" que na lide como na "vida" lhe couberam em sorte.

Amadeu Anjos

MATADOR DE TOUROS



Ricardo Chibanga

A Praça de Touros da Figueira da Foz, representou muito na minha carreira profissional, tenho grandes amigos, grandes recordações e grandes triunfos.

Uma das mais bonitas Praças de Touros do nosso país, caprichando sempre, pela manutenção e apresentação orgulhando toda a gente da festa brava.

Aproveito a oportunidade, para deixar um grande abraço à gente da Figueira e seu Concelho, que sempre me souberam receber.

Parabéns pelo centenário.

Ricardo Chibanga

FIGUEIRA DA FOZ UMA ARENA NO CORAÇÃO



José João Zolo

Entre numerosas tradições culturais e sociais, a Figueira da Foz tem igualmente um passado notável no domínio da tauromaquia.

Aqui se radicaram e alcançaram grande prestígio figuras oriundas dos mais diferentes pontos do país e que ficaram associados a esta terra. Nos muitos exemplos, basta citar Ramalho Ortigão, o qual, na sua obra literária, ao narrar Portugal aos Portugueses, elegeu a Figueira da Foz como a praia da claridade, a mais fascinante, acolhedora e luminosa de todo o nosso litoral.

Ramalho, natural do Porto, radicado em Lisboa, cidadão do Chiado e do Bairro Alto – habitava uma velha casa da Calçada dos Caetanos, com vista para o Tejo – , ficou para sempre ligado à Figueira da Foz. Sempre que se fala desta terra, é inevitável a referência que o mestre de "As Farpas" consagrou à Figueira.

Desde há um século, a promoção turística da Figueira da Foz é indissociável da exaltação que lhe fez o escritor. Numa das páginas antológicas da sua obra, que permanece nos lugares selectos da história da literatura, existem figuras notáveis aqui nascidas, como Fernandes Tomás, apóstolo da liberdade e da fraternidade; Joaquim de Carvalho, mestre de Filosofia na Universidade de Coimbra, João Gaspar Simões, fundador da Presença e crítico literário de várias gerações; os pintores Cândido da Costa Pinto e Mário Augusto; o poeta Cardoso Martha, elemento dinamizador das Tertúlias na primeira metade deste século; Santiago Presado, outro poeta eminente do grupo "Seara Nova".

Mas o caso de Ramalho constitui uma referência emblemática. Dir-se-ia um cidadão adoptivo da Figueira. Salvaguardando as devidas distâncias, também me considero afectivamente ligado à praia da claridade. Na minha vida profissional está sempre presente no meu espírito. Direi mais, é uma arena que perdura no meu coração.

E será possível esquecer, já que estamos no domínio da Tauromaquia, mestre João Branco Núncio, que actuou aqui centenas de vezes e, além disso escolhia a Figueira, ao mesmo tempo como praia preferida para passar as férias de Verão?

Iniciei a minha carreira como cavaleiro tauromáquico em 1968. Recebi alternativa de mestre João Núncio, na Praça de Campo Pequeno. Desde essa época, que se vai tomando longíqua (já decorreu quase um quarto de século), desloquei-me inúmeras vezes à Figueira da Foz e em temporadas sucessivas.

Não é possível pormenorizar toda as minhas actuações, nem é ocasião para referir os sucessos que alcancei no redondel desta cidade. Tive, sem dúvida, momentos felizes e, naturalmente, outros que o foram menos.

A existência de um toureiro não é feita apenas de êxitos, já que estes alternam com as vicissitudes, como, aliás, acontece em todas as circunstâncias inerentes à vida pública e à própria condição humana.

Seja como for, tive centenas e centenas de actuações do Norte ao Sul do país, do Minho ao Algarve e até nos Açores e no estrangeiro (particularmente em França e, sobretudo, em Espanha).

Mas, de entre todas elas, algumas obrigaram-se a interromper a minha actividade, com várias hospitalizações na sequência de acidentes – não posso esquecer as intervenções na Praça da Figueira da Foz; estão sempre vivas no meu espírito e no meu coração.

Tive a honra de participar aqui em espectáculos, ao lado de nomes consagrados como David Ribeiro Telles, Manuel Conde, José Mestre Baptista, Luís Miguel da Veiga e José Maldonado Cortes.

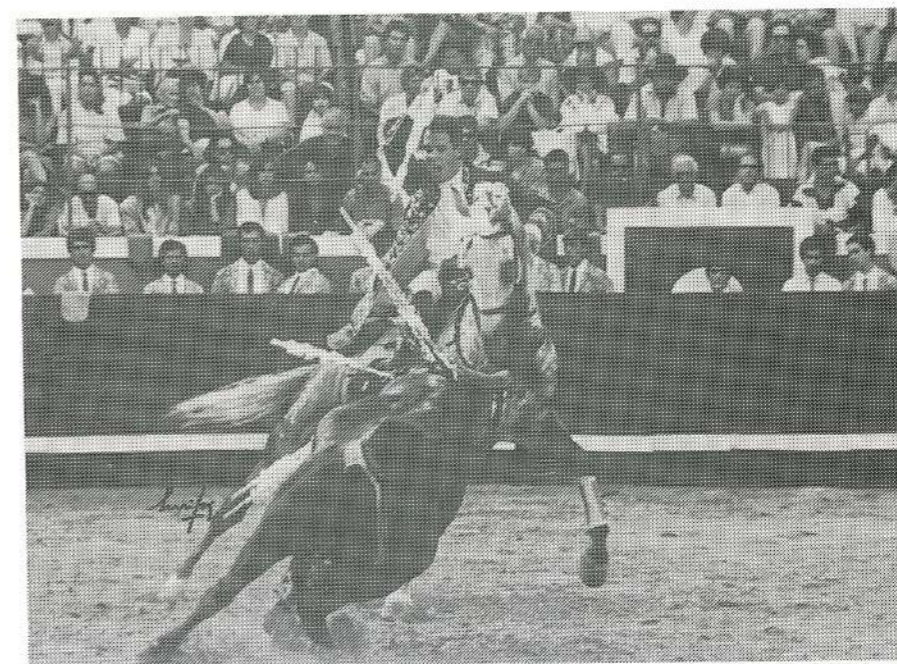
Infelizmente, José Mestre Baptista já não pertence ao número dos vivos. E já se retiraram das lides Manuel Conde e David Ribeiro Telles.

Quanto aos outros, prosseguem a profissão, com o fulgor do seu talento.

A Praça da Figueira da Foz, cujo centenário de fundação agora se completa, continua a ser lugar prestigiado para a Festa Brava. O entusiasmo sempre renovado do público e a adesão de juventude constituem estímulos fundamentais. E é através deste encontro de gerações que me associo, com todo o apreço, à comemoração da efeméride. Nela se consubstancia e se projecta o presente e o futuro do toureio em Portugal.


JOSE JOAO ZOIO

SOBRE A PRAÇA DA FIGUEIRA DA FOZ



Paulo Caetano

São razões dificilmente explicáveis, aquelas que nos levam a tourear com prazer e à vontade em determinada praça ou pelo contrário aceitar com algumas reticências o facto de actuarmos numa outra. A este sentimento não está obviamente alheio o facto do balanço dos resultados artísticos ser positivo ou não, como também não está a sensação de nos sentirmos rodeados de amigos ou de um público que nos é claramente favorável e simpático.

A Figueira da Foz faz parte do grupo de praças de toiros, onde me sinto verdadeiramente a gosto, onde o simples facto do seu nome aparecer na agenda do apoderado como contracto consumado, me produz uma enorme satisfação.

Recordando, posso dizer que conto como triunfos a grande maioria das minhas actuações no Coliseu Figueirense. Nomeadamente as corridas aí realizadas nas temporadas de 1989 e 1990, marcaram profundamente o resultado final das minhas temporadas, também de lá guardo algumas lembranças amargas, pois foram três, as colhidas aparatosas que sofri nesse ruedo. Porém a alegria que me tem dado o êxito aí obtido e consequentemente o apreço que ganhei junto dos bons e fieis aficionados dessa zona do país, sobressaem na minha memória, e fazem com que a praça da Figueira da Foz me seja uma das mais queridas deste país.



DEPOIMENTO DE:



Virgílio Palma Fialho

Decorria o ano de 1963 quando pela 1.ª vez vi a Praça de Toiros da Figueira da Foz e pisei a sua arena durante as cortesias dum corrida à portuguesa, na sua então tradicional data do 15 de Agosto. À época era eu forçado do grupo de Montemor.

Foi uma tarde muito dura para o grupo, com vários forçados magoados que no dia seguinte não puderam fardar-se em coruche.

Recordo ainda o estado em que ficou a cara do meu irmão Lucílio que nos dias seguintes parecia andar de óculos escuros tanto era o sangue pisado, — já negro — e o inchaço nos olhos.

Poderia parecer à 1.ª vista que esta minha recordação da Praça da Figueira fosse negativa pelos motivos atrás citados. Não é, porque hoje quase toda a velha guarda do grupo de Montemor recorda com saudade e com orgulho essa tarde, pois mais uma vez o grupo esteve ao nível dos seus pergaminhos, levando uma sova é certo, mas pegando todos os toiros e levando a emoção às bancadas.

Depois à noite, como se nada se tivesse passado, todo o grupo viveu a noite figueirense, saboreando os prazeres que à época eram afamados, pois o turismo tinha força, e a Figueira era o "poiso" preferido de quem vinha de Espanha.

E os de S. Martinho, em dia de corrida também iam para a folia, viver a noite na Figueira.

Não vou aqui descrever o ambiente da Figueira à época e à volta dos toureiros e forçados. Mas por alguma razão, todos, ganadeiros incluídos, gostavam de ir à Figueira.

O ambiente do Grande Hotel e do Casino marcava.

Marcava também à época, a figura do empresário Manuel dos Santos, que fez desta Praça o ponto de encontro da Sociedade aficionada de todo o centro do País. Por isso julgo que nesta hora festiva do Centenário, lembrar Manuel dos Santos será apenas fazer justiça ...

Quando depois vim para a então emissora nacional e em 6 de Maio de 1966 entrei para o programa "sol e toiros", nunca mais deixei de ir à Figueira da Foz.

Vivi pois os seus momentos altos — quanto a cartazes — e os seus momentos baixos também.

Acompanhei o esforço feito para preservar a Praça exterior e interior, para manter a Praça em condições de dar espectáculos.

Hoje, como há cem anos, o Coliseu Figueirense é uma boa Praça. Hoje, há que reconhecer o mérito da obra feita por todos quantos "viveram" e "sofreram" por ela.

Bela como está, em ano de comemorações, precisa apenas que estas sejam dignas do seu passado e do seu presente.

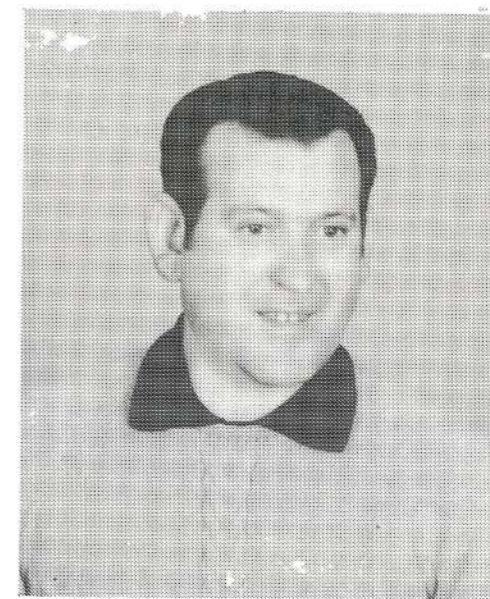
Não duvido que assim vai ser !

Tudo o que seja feito ou dito será, no entanto, pouco, muito pouco, se pela arena da Figueira da Foz não passarem os toiros das melhores ganadarias, os melhores toureiros, os melhores forçados, a melhor banda de música portuguesa, (a de Alcochete) e se as bancadas não se encherem dum público aficionado que possa vibrar com a verdade da festa: o toiro, a arte, a emoção.

Que a Figueira volte a sentir, com orgulho, que valeu a pena ter construído na sua terra, há 100 anos, este belo Coliseu Figueirense.

Virgílio Palma Fialho

DEPOIMENTO DE:



Ilídio Vitorino de Oliveira

Após 40 anos ao serviço na Praça de Toiros da Figueira da Foz, alegro-me assistir ao centenário da mesma.

Dediquei e dedico todo o tempo na conservação e trabalhos nesta Praça, e orgulho-me de considerarem a Praça de Toiros do País mais bem cuidada.

Muito tinha para contar, mas não é oportuno, mas recordo com saudade estes 40 anos que ficam para trás.

Ilídio Vitorino de Oliveira

Pinto Barreiros



Dr. Brito Paes



António Cabral Ascensão



Paulo Caetano



Francisco Luís Pinheiro Caldeira



Herdade de Camarate



Fernandes de Castro



Jorge de Carvalho



António Coelho Charrua



José Luís Anjinho Cochicho



Manuel Mendes de Assunção Coimbra



Coimbra Barbosa



Herdeiros de Conde Cabral



Herdeiros de Alberto Cunhal Patrício



Herdeiros de José Francisco Varela Crujo



Irmãos Varela Crujo



João de Almeida Dias Coutinho



Irmãos Dias



José Luís Pereira Dias



Felicidade da Conceição F. Pereira Dias



Soc. Agrícola Couto de Fornilhos



Soc. Agro-Pecuária Gregório Oliveira



Herdeiros de D. Maria do Carmo Palha



Goes



Eng.º Ruy Gonçalves



Murteira Grave



Dr. Jaime Herculano



Herdeiros de José Infante da Câmara



António Figueiredo Lampreia



Irmãos Camacho Lampreia



Joaquim Lima Monteiro



Lopes Branco, Herdeiros



José Samuel Pereira Lupi



Simão Malta



Victor Mendes



Maria Guiomar Gomes Cortes Romão de Moura



João Moura



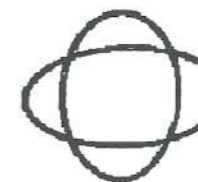
João Branco Nuncio



Oliveiras, Irmãos



Dr. Ortigão Costa



Palha



José Norberto Pedroso



Passanha



Herdeiros de Paulino da Cunha e Silva



José Pedrosa



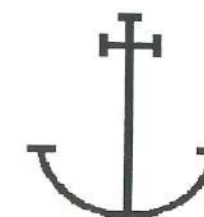
Pégoras



Prudêncio



João Ramalho



Thereza e Helena Ramalho



Rio Frio



Luís Martins Pereira Rocha



Rosa Rodrigues



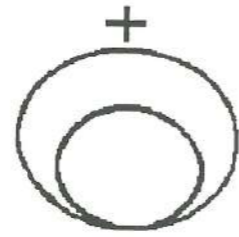
José Salvador



Santo Estevão



Santa Maria



Pedro Mello Santos Lima



São Marcos



Eng.º António Patrício Henriques da Silva



Condessa de Sobral



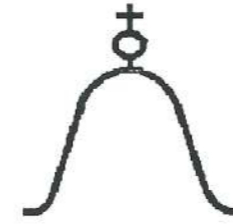
Vale do Sorraia



David Ribeiro Telles



António José da Veiga Teixeira



Vaz Monteiro



Manuel Tavares Veiga



Mário Vinhas e Herdeiros de Manuel Vinhas



Lopes da Costa



Eng.º Alberto Xavier



Manuel António Lopo de Carvalho



Brito Limpo



São Bento



José Luís Gomes



Eduardo Oliveira



Higino Soveral



Ascensão Vaz



Casa Agrícola José Albino Fernandes



Ganadaria Rêgo Botelho



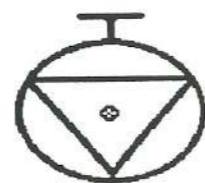
Ezequiel Rodrigues



Fernandes Silva



Manuel Rosa Tátá



Canas Vigouroux



Marquês da Graciosa



Manuel José da Ursula



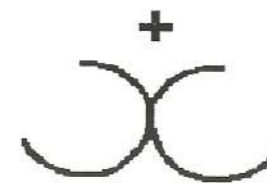
Casa Agrícola Avó



Nuno Casquinha



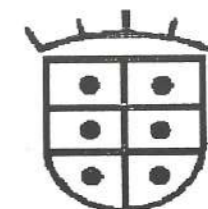
Dr. Luís Cabral



Balancho



Herdeiros de Conde Murça



António Barbeiro



Relação de Ferros de Ganadarias gentilmente cedida pela A. P. C. T. L.



Ourivesaria

LOUTRO

- Taças
 - Troféus
 - Medalhas
 - Ouro
 - Relógios
 - Prata
 - Jóias

Passeio Infante D. Henrique, 27

— ☎ (033) 2 75 18 —

— 3080 Figueira da Foz

AGRADECIMENTO

Quatro décadas decorridas ao serviço da Companhia do Coliseu Figueirense tem permanecido um homem de seu nome Ilídio Vitorino de Oliveira, que com muito zêlo e dedicação, tem sabido ao longo dos anos, cuidar do bom estado de conservação deste recinto, fazendo com que se situe no panorama taurino como uma das Praças mais bem cuidadas do país !

Para o homem que com muito carinho tem dignificado o Coliseu Figueirense, o nosso obrigado.

A Direcção e a Comissão do Centenário

AGRADECIMENTO

Aos que tornaram possível a realização deste livro do Centenário do Coliseu Figueirense, os nossos agradecimentos.

A Comissão Executiva

FICHA TÉCNICA

Edição: Comissão Executiva do Centenário
Execução gráfica: Offsetarte
Capa: Cação Biscaia
Ilustração: Seixas Peixoto
Logotipo: Zé Carlos

Depósito Legal N.º 78874/94

Junho 1994

Desta obra foram editados 4000 exemplares
devidamente numerados

Não é permitida a reprodução parcial ou total de
qualquer dos textos ou fotos inseridos nesta obra, sem a
prévia autorização da Comissão Executiva do
Centenário

Nº 0725